



EDUCAÇÃO E ESPORTE PARA A IGUALDADE:

Guia de Atividades do Projeto Praticando
Esporte, Vencendo na Vida!

REALIZAÇÃO:



PROMUNDO

APOIO:

COMIC
RELIEF

ChildHope
Inspired by children; challenging injustice



EXPEDIENTE

INSTITUTO PROMUNDO (BRASIL)
Rua da Lapa, 161
Lapa/Centro - Rio de Janeiro, RJ
CEP: 20021 -180
www.promundo.org.br
promundo@promundo.org.br

DIRETORA EXECUTIVA
Tatiana Moura

ABRIL, 2016

GUIA DE ATIVIDADES DO PROJETO PRATICANDO ESPORTE, VENCENDO NA VIDA

CONCEPÇÃO

Márcio Segundo

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Andreza Jorge (RODA DE CONVERSA)

Dayana Sabany (PORTUGUÊS E MATEMÁTICA)

Nathalia Barros (EDUCAÇÃO FÍSICA)

Rosangela Silveira (EDUCAÇÃO FÍSICA)

Danielle Lopes

REVISÃO

Danielle Lopes

Letícia Serafim

PARCERIA

Comic Relief

ChildHope

Kinder not Hilfe

ILUSTRAÇÕES

Liliana Ostrowsky

PROJETO GRÁFICO

Mórula Oficina de Ideias

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

04

COLETIVIDADE

07

SUBTEMA: FORTALECENDO A TURMA

ATIVIDADE 1:	Contrato	09
ATIVIDADE 2:	Construção de um hino para a turma	10
ATIVIDADE 3:	Quebra-cabeça afetivo	11

SUBTEMA: JOGOS EM GRUPO

ATIVIDADE 4:	Pique-rabo	12
ATIVIDADE 5:	Construção de jogos matemáticos	14

SUBTEMA: FORTALECENDO A CONFIANÇA

ATIVIDADE 6:	Desequilibrando para equilibrar	15
ATIVIDADE 7:	Sobre as situações ridículas que passamos	17

GÊNERO

19

SUBTEMA: DISCUTINDO NORMAS DE GÊNERO

ATIVIDADE 1:	O que é isso chamado gênero?	23
ATIVIDADE 2:	Modernização dos contos de fadas	26
ATIVIDADE 3:	Círculo Bebexiga	28

SUBTEMA: EMPODERAMENTO FEMININO

ATIVIDADE 4:	Onde as mulheres estão presentes?	30
ATIVIDADE 5:	Futebol vale 10	32

SUBTEMA: SEXUALIDADE

ATIVIDADE 6:	Diferentes posições sobre sexualidade	34
ATIVIDADE 7:	Quero, não quero... Quero, não quero	36

DIVERSIDADES

39

SUBTEMA: PROMOÇÃO DO RESPEITO À DIVERSIDADE

ATIVIDADE 1:	Resumo da semana	41
ATIVIDADE 2:	Casos de família	43
ATIVIDADE 3:	Travessia paralímpica	45
ATIVIDADE 4:	Jogo da cidade	46
ATIVIDADE 5:	Lugar seguro	48

SUBTEMA: DIVERSIDADE CULTURAL E REGIONAL

ATIVIDADE 6:	Minha origem	50
ATIVIDADE 7:	Contos do mundo	52

RAÇA E ETNIA

53

SUBTEMA: IDENTIDADE E HERANÇAS AFRICANAS

ATIVIDADE 1:	Bingo de palavras africanas no vocabulário brasileiro	57
ATIVIDADE 2:	Shisima, um jogo africano	60

SUBTEMA: ENFRENTANDO O PRECONCEITO

ATIVIDADE 3:	Os cabelos	62
ATIVIDADE 4:	Paródia	64
ATIVIDADE 5:	Reescrevendo a história em preto e branco	65

PREVENÇÃO DAS VIOLÊNCIAS

67

SUBTEMA: ESTÍMULOS AFETIVOS

ATIVIDADE 1:	Elogio secreto	71
ATIVIDADE 2:	Pique-abraço	72

SUBTEMA: TERRITÓRIO

ATIVIDADE 3:	Meu olhar afetivo	74
ATIVIDADE 4:	Sem espaço	75
ATIVIDADE 5:	Queimado-xadrez	77

SUBTEMA: PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ATIVIDADE 6:	Gráficos sobre violência contra a mulher	80
ATIVIDADE 7:	Charges sobre violência contra a mulher	82
ATIVIDADE 8:	No meio do conflito	84
ATIVIDADE 9:	Pessoas e coisas	86

BIBLIOGRAFIA

89

APRESENTAÇÃO

Este guia nasceu da experiência do projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida*, implantado pelo Promundo, em parceria com *ChildHope* e financiamento do *Comic Relief* e *Kinder Not Hilfe* (KNH).¹ Seu conteúdo reflete os objetivos, os aprendizados e a trajetória do projeto que, entre 2013 e 2015, desenvolveu práticas esportivas diversas, campanhas de comunicação, oficinas educativas sobre gênero, diversidade, igualdade racial e prevenção à violência e atividades de português e matemática para mais de 300 crianças e adolescentes em duas comunidades do Rio de Janeiro.

Inserido na perspectiva do Promundo de utilizar o esporte como ferramenta para promoção da equidade de gênero e prevenção de violências contra crianças e adolescentes, o projeto buscou contribuir para o fortalecimento do potencial de desenvolvimento das crianças e adolescentes, favorecer hábitos de vida saudável, estimular o protagonismo das/os adolescentes, reduzir vulnerabilidades e iniquidades baseadas em gênero e estimular relações respeitadas e igualitárias entre homens e mulheres, meninos e meninas, pais/mães/responsáveis e suas filhas e filhos.²

As atividades aqui descritas foram um dos meios pelos quais o projeto abordou esses temas nas comunidades com meninos e meninas. Desta forma, esse guia tem o objetivo de compartilhar temáticas, técnicas e princípios de uma proposta pedagógica baseada na construção e no fortalecimento de laços de afetividade, respeito às diversidades e no trabalho em equipe. Seu público-alvo abrange professoras/es de educação física, português e matemática, além de facilitadoras/es de oficinas educativas e demais interessadas/os nas temáticas.

Subdivido em cinco seções – *Coletividade, Gênero, Diversidades, Raça e Etnia e Prevenção das violências* –, o guia subsidia a estruturação de um programa de atividades que articula as disciplinas educação física, português e matemática, além de rodas de conversa ou oficinas, com reflexões sobre cada um desses temas. A proposta é permitir que, com o andamento das atividades, os grupos de crianças e adolescentes possam amadurecer a discussão, a partir da possibilidade de trocar ideias, experiências, dúvidas e perspectivas nos diálogos com colegas e facilitadoras/es.

Por fim, compartilhamos que trabalhar com estas temáticas é um grande desafio, mas também gera grande aprendizado. Cada grupo reage de uma forma, não existe fórmula mágica ou única de aplicação. Os tópicos, os textos, as perguntas são sugestões que podem e devem ser reelaboradas de acordo com a realidade local e o cotidiano da turma. Cabe a quem estiver facilitando as discussões ter um olhar sensível, crítico e transformador e buscar novas referências para melhorar sua atuação. O fundamental é a escuta, a disponibilidade, o olhar, a cumplicidade com cada participante.

1. *ChildHope* [www.childhope.org.uk]. *Comic Relief* [www.comicrelief.com]. *Kinder Not Hilfe* [<http://www.kindernothilfe.org/>].
2. Um panorama do projeto, atividades, desafios e resultados da avaliação de impacto podem ser consultados no relatório *Praticando Esporte, Vencendo na Vida: compartilhando saberes e práticas para prevenção de violência contra crianças e adolescentes* [PROMUNDO, 2016], disponível em www.promundo.org.br/recursos

Como este guia está organizado?

Os conteúdos de educação física, português e matemática, além dos temas para rodas de conversa, estão distribuídos nas cinco seções temáticas do guia:

- **COLETIVIDADE**
- **GÊNERO**
- **DIVERSIDADES**
- **RAÇA E ETNIA**
- **PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIAS**

Por sua vez, cada seção é dividida em subtemas relacionados a questões específicas trabalhadas pelas atividades educativas. Todas as atividades foram criadas ou adaptadas para utilização no projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida* e têm como inspiração outras metodologias e técnicas participativas para promover um ambiente criativo e confortável para trocas, aprendizagens e reflexões³.

A ordem de apresentação das seções é uma sugestão para facilitar o encadeamento das discussões com o grupo, mas, como dissemos, pode ser alterada de acordo com a necessidade ou com o interesse do/a facilitador/a. Apenas recomendamos o início do trabalho pela seção *Coletividade*, uma vez que suas atividades propõem a criação e o fortalecimento da confiança e do vínculo entre o grupo.

As seções são compostas de um texto introdutório com a perspectiva adotada pelo Promundo para a condução das discussões e de atividades educativas, que têm como itens:

- **CONTEÚDO:** Disciplina a que se refere ou roda de conversa
 - **SUBTEMA:** Subtema da seção
 - **OBJETIVO:** Descrição das reflexões que serão trabalhadas a fim de serem compreendidas pelas/os participantes
 - **FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:** Recomendação da faixa etária a que se destina a atividade (as indicações podem ser revistas pela/o facilitador/a).
 - **TEMPO DE DURAÇÃO:** Intervalo de tempo recomendado para realização da atividade.
 - **MATERIAIS NECESSÁRIOS:** Indicações de materiais a serem utilizados para estruturação da atividade.
 - **NOTA DE PLANEJAMENTO:** Informação de apoio e dicas para ajudar o/a facilitador/a a se preparar para a atividade.
 - **PROCEDIMENTO:** Descrição das etapas para a realização da atividade. Contém ainda as **perguntas para discussão**, que são sugestões de questões para ajudar a guiar a discussão sobre o tópico trabalhado na atividade. O/a facilitador/a de se sentir livre para adicionar ou reformular as questões de acordo com o contexto local. A maioria das atividades, mesmo as mais rápidas e simples, possui perguntas para discussão para serem utilizadas conforme o tempo disponível.
 - **REFLEXÃO:** Texto com um panorama dos conteúdos trabalhados para serem reforçados com o grupo ao término de cada atividade.
 - **MATERIAIS RECOMENDADOS:** Indicações de materiais que podem apoiar a preparação da atividade pelo/a facilitador/a ou serem utilizados com os/as próprios/as participantes, se o/a facilitador/a julgar pertinente.
 - **FOLHAS DE APOIO:** Algumas atividades possuem Folhas de Apoio que trazem informação complementar ou adicional sobre o tópico trabalho.
-
3. As atividades educativas foram complementadas pelas atividades dos Manuais *H – Trabalhando com Homens Jovens* [Disponível em: <http://promundo.org.br/recursos/manual-h-trabalhando-com-homens-jovens/>] e *M – Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde* [Disponível em <http://promundo.org.br/recursos/manual-m/>], elaborados por Promundo e parceiros.

Dicas para a facilitação das atividades

- O guia foi elaborado para o trabalho com grupos de crianças e adolescentes a partir de temas atuais, que necessitam ser discutidos com muito cuidado e atenção. Vale ressaltar que, para o início do trabalho, é importante que a/o facilitadora/facilitador tenha uma boa relação com o grupo e construa um vínculo de confiança, afeto e coletividade entre todas/os as/os participantes.
- Algumas atividades podem despertar emoções mais fortes, por isso é recomendado não inserir valores pessoais que propiciem julgamentos. Outra questão importante é a proteção da/o participante, evitando que ele ou ela seja exposta/o por meio de seus relatos, excluída/o por ter opinião diferente do grupo ou sofra qualquer discriminação por suas reações ao tema.
- Inicie os encontros com uma roda de conversa sobre o dia, o fim de semana, o cotidiano da vida da criança ou adolescente e explicando o tema da atividade a ser realizada. Acreditamos que interessar-se pela vida da criança fortaleça a relação entre alunas/os e facilitadoras/es ou educadoras/es. Sugerimos que o grupo esteja sentado em círculo para favorecer o contato, as trocas e a interação. Este momento prepara a turma para as atividades que virão em seguida.
- Faça elogios, incentive e apoie o grupo de forma positiva e construtiva.
- Seja envolvente e leve empolgação aos encontros, utilizando palavras e linguagem que a turma entenda e se identifique.
- Esteja aberta/o para alterar e/ou modificar o plano de acordo com a necessidade. Utilize materiais alternativos, adapte à realidade local e torne as atividades mais relevantes para o grupo.



COLETIVIDADE

A construção da coletividade é baseada em valores e princípios que devem ser desenvolvidos ao longo do processo educacional, tais como: respeito, paz, honestidade, disciplina e liberdade. Com estes valores também trabalharemos habilidades sociais importantes para o convívio pacífico e harmonioso, como comprometimento, companheirismo, pontualidade, solução de problemas, comunicação não violenta, responsabilidade e cooperação.

Para isso, a educação voltada para o desenvolvimento da coletividade deve ser organizada e possuir objetivos claros e comuns a todas as áreas de atuação e estar presente na rotina diária em todos os momentos de permanência no projeto ou iniciativa: na chegada das/os alunas/os, no cuidar dos materiais utilizados, no asseio com o uniforme, nos cumprimentos na chegada ou saída das atividades, entre outros.

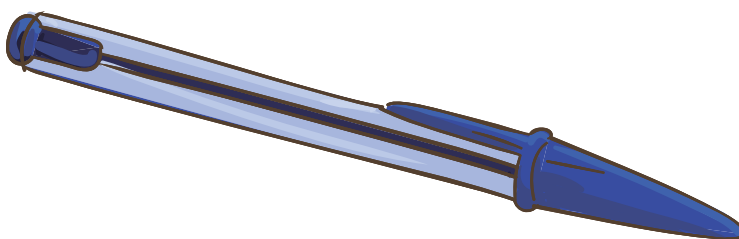
Cabe destacar que são necessárias a continuidade e a dedicação de professoras/es, facilitadoras/es e de todas/os que atuam no projeto, pois o nosso maior desafio é a construção da coletividade com meninas e meninos que estão inseridos em uma sociedade individualista e competitiva.



ATIVIDADE 1

Contrato

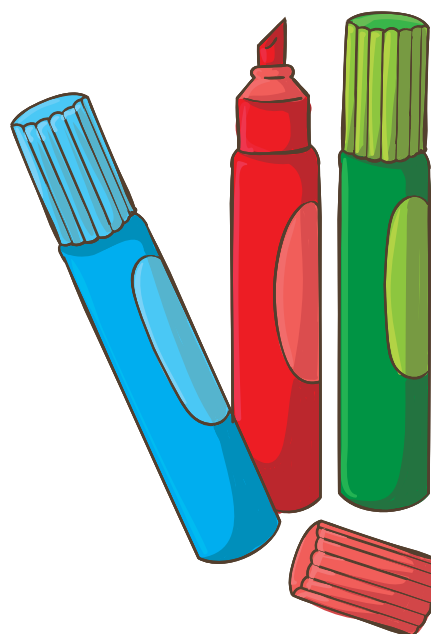
CONTEÚDO:	Educação física, português, matemática ou nas rodas de conversa. Esta atividade pode ser utilizada em todas as oficinas.
SUBTEMA:	Fortalecendo a turma.
OBJETIVO:	Iniciar o programa de atividades construindo coletivamente as regras importantes para o convívio do grupo.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 8 anos.
DURAÇÃO:	Mínimo de 20 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Papel (cartolina, folha A3 ou papel pardo) e canetas.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Deixar preparada a folha de cartolina ou papel pardo e a caneta para o encontro.
PROCEDIMENTO:	Inicie o encontro perguntando ao grupo o que é um contrato e qual a importância de assiná-lo. Após o debate inicial, pergunte o que acham importante para a convivência do grupo e anote na folha de papel pardo ou cartolina todas as contribuições que surgirem. Se não tiverem surgido as palavras "respeito", "participação", "espírito de equipe" e "cooperação", acrescente no contrato e fale sobre o significado delas. Assine o contrato, demonstrando comprometimento, e convide as/os participantes a assinarem também.
REFLEXÃO:	Após a assinatura do contrato, o/a facilitador/a deve deixar claro que devemos apoiar uns aos outros, aceitar e incluir todas e todos independentemente de sexo, raça, religião, língua, nacionalidade ou orientação sexual, colaborar para alcançar os objetivos e ser assíduas/os nos encontros. Deixe claro que, ao assinar o contrato, facilitadoras/es e alunas/os concordam com seus termos e seguirão suas regras.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Com o intuito de subsidiar a turma no aprofundamento da discussão, sugere-se o uso de um dicionário para os significados das palavras.



ATIVIDADE 2

Construção de um hino para a turma

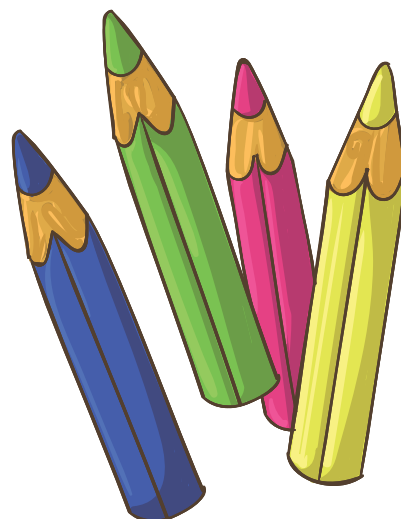
CONTEÚDO:	Aula de português.
SUBTEMA:	Fortalecendo a turma.
OBJETIVO:	Criar um hino para a turma através de uma construção coletiva, fortalecendo a democracia e gerando sentimento de unidade no grupo.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 9 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Quadro, <i>pilot</i> , cartolina e canetinha.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	A construção de texto coletivo pode ser um grande desafio para turmas grandes, então sugerimos que a atividade seja aplicada para grupos de até 20 pessoas.
PROCEDIMENTO:	Converse com a turma sobre as características que definem o grupo e anote no quadro. Em seguida, proponha a construção de um hino para representar a turma. Considere as opiniões e coloque em votação todas as sugestões. Dependendo do grupo, o/a educador/a pode abordar temas como rima, verso, estrofe e métrica, além de questões ortográficas que surgem espontaneamente. No final da atividade peça que anotem o hino em uma cartolina e coloque em exposição na sala para que todas/os possam ter acesso.
REFLEXÃO:	Esta atividade contribui para fortalecer vínculos de grupo, gerando identidade entre as/os participantes.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Letras do Hino Nacional e dos hinos dos clubes de futebol.



ATIVIDADE 3

Quebra-cabeça afetivo

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Fortalecendo a turma.
OBJETIVOS:	Realizar uma avaliação diagnóstica inicial de português para conhecer a escrita de cada criança e trabalhar o sentimento de pertencimento dentro de um grupo.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 7 anos.
DURAÇÃO:	50 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	1 cartolina cortada em formato de quebra-cabeça (o quebra-cabeça pode ter diferentes formatos, como coração, bola ou ser humano, dependendo do interesse do/a facilitador/a), lápis e borracha.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Esta atividade foi pensada para ser executada no início do trabalho com um grupo.
PROCEDIMENTO:	Receba a turma, distribua uma peça para cada criança e peça que anote em sua peça seu próprio nome, alguma coisa que gosta de fazer ou brincar e o que pode contribuir dentro do grupo. Depois proponha o desafio de montar o jogo. Coloque em exposição de modo que todas/os possam ver e converse com a turma sobre a importância de cada peça (ou seja, cada educanda/o) na imagem, e que, sem uma peça, a imagem não é mais a mesma. Também é válido ler coletivamente o que cada criança escreveu sobre suas contribuições, assim como enaltecer cada contribuição escrita.
REFLEXÃO:	Em caso de evasão no grupo, é interessante cobrir a peça da/o participante que evadiu e ir construindo com a turma um novo formato da imagem. Também é importante manter a imagem do quebra-cabeça sempre exposta para que todas/os consigam ver que são importantes dentro da coletividade.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	No site www.fazfacil.com.br você pode pesquisar formas geométricas para as peças que irão compor o quebra-cabeça.



ATIVIDADE 4

Pique-rabo

CONTEÚDO:	Educação Física – Lutas.
SUBTEMA:	Jogos em grupo.
OBJETIVO:	Refletir sobre situações de desigualdade e relações de poder na sociedade.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 8 anos.
DURAÇÃO:	20 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Coletes.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a professor/a poderá substituir o colete por outro material como fita de TNT, tecido, tira de jornal ou outro material. Para evitar situações constrangedoras, poderá solicitar que o “rabo” seja pendurado na cintura ou ao lado do corpo.
PROCEDIMENTO:	Esta atividade se divide em três etapas. Na primeira, cada participante receberá um colete, que deverá ser pendurado no short ou na bermuda de modo que fique parecendo um rabo de cavalo. Em seguida, o/a professor/a dará a seguinte instrução: “Permaneçam com o rabo por 1 minuto.” Provavelmente, após a ordem, os/as alunos/as começarão a pegar o rabo dos/as outros/as, mesmo não sendo este o objetivo da atividade. Caso isso aconteça, não interfira até completar o tempo estabelecido e, somente após o fim do tempo, faça a reflexão com os/as alunos/as. Se os/as participantes não se moverem, exalte essa atitude e reforce a necessidade de ouvir e respeitar as regras. Na segunda etapa, divida o grupo em dois, retire o colete de um grupo e diga para as/os alunas/os: “Termine a atividade com o rabo”. Ou seja, cada integrante terá que terminar a atividade com um “rabo”. Isso poderá provocar uma situação de disputa em que quem tem o “rabo” deverá pensar em formas de ficar com o colete até o final e quem está sem o “rabo” pensar em como resgatar o “rabo” de quem tem. Na terceira etapa, divida o grupo em duplas e, respeitando o tamanho e a habilidade, peça às/aos alunas/os para tentar pegar o “rabo” de sua dupla. Perguntas para discussão: • 1º momento: Qual foi a orientação inicial? Em algum momento pedimos para roubar o “rabo” de outra/o participante? Por que começaram a pegar os “rabos”? (Ou por que ficaram quietos?) • 2º momento: Após a segunda e a terceira etapas, o/a professor/a deverá refletir com a turma sobre as situações de desigualdade que ocorreram durante o jogo. – Quais foram as situações de desigualdade? – O que gerou essas situações? Por que acham que elas aconteceram? – No nosso cotidiano como acontecem essas situações de desigualdade? – Por que umas pessoas tentam dominar as outras?

ATIVIDADE 4

Pique-rabo [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Ao refletir com a turma sobre a possibilidade de “dominar” a outra pessoa ao pegar o “rabo” é possível fazer associações com diversas temáticas nas quais as relações de poder mantêm desigualdades, sejam elas sociais, de gênero, entre outras. Muitas questões podem surgir desta atividade. O/a professor/a poderá conduzi-la de acordo com seus próprios objetivos. Entre os assuntos possíveis para serem abordados, podemos mencionar desigualdade social, bullying, orientação sexual, desigualdade racial etc.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Matérias jornalísticas e dados estatísticos sobre o tema poderão ser utilizados como ilustração das desigualdades em nosso cotidiano.

ATIVIDADE 5

Construção de jogos matemáticos

CONTEÚDO:	Matemática.
SUBTEMA:	Jogos em grupo.
OBJETIVO:	Proporcionar a livre expressão artística e matemática por meio da construção de jogos.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 11 anos.
DURAÇÃO:	2 horas.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Lápis, borracha, canetinha, cola, tesoura, régua, papelão e cartolina. Se o/a educador/a preferir, pode usar tinta, madeira e outros materiais.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Como é uma atividade que tem um caráter livre, é importante que se auxilie as crianças que apresentarem dificuldades. Por vezes, elas podem tentar fazer muitos projetos ao mesmo tempo, ficando travadas por não conseguirem organizar o pensamento ou se julgando incapazes de executar a atividade. Neste caso, é importante que o/a educador/a apresente uma série de possibilidades para a estrutura básica dos jogos e incentive com elogios e palavras de encorajamento a escolha e a confecção do projeto escolhido. Para turmas mais velhas, a atividade pode tomar um caráter mais sério, visando à confecção do jogo, criação de manual e apresentação do produto criado.
PROCEDIMENTO:	Receba a turma e converse sobre os jogos preferidos de cada um. Em seguida, divida-a em pequenos grupos (até 4 pessoas) e explique que irão construir um acervo de jogos matemáticos com cada grupo criando um jogo. Ofereça todo suporte de materiais e explique que o jogo precisa ser de fácil entendimento. Além disso, elas/eles não podem criar jogos que não saibam jogar. Quando terminarem, peça que cada grupo apresente o jogo criado e a forma de jogar. Ao final das apresentações, reserve um tempo para que possam experimentar os jogos.
REFLEXÃO:	Exercitar a criatividade para a matemática é sempre um grande desafio para as crianças, porém, quando percebem a disciplina na vida cotidiana, as atividades ficam mais fáceis e prazerosas. Esta atividade pode ser complementada pela oficina de língua portuguesa, visando à criação de um manual de instrução para cada jogo feito ou à criação de anúncios para textos em jornais e revistas.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Sudoku, dominó, xadrez, dama, entre outros jogos de tabuleiro.



ATIVIDADE 6

Desequilibrando para equilibrar

CONTEÚDO:	Educação Física – <i>Slackline</i> .
SUBTEMA:	Fortalecendo a confiança.
OBJETIVO:	Promover a autoconfiança da/o participante e fomentar o fortalecimento de grupo realizando atividades de equilíbrio estático e dinâmico.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	8 a 15 anos.
DURAÇÃO:	40 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	<i>Slackline</i> , panos (para proteger a árvore da fita), giz ou gravetos, colchão.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	<i>Slackline</i> é um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite a quem o pratica andar e fazer manobras por cima da fita. Atualmente é categorizado como esporte radical e sua prática sugere uma interação maior com a natureza. Existem muitos estudos acadêmicos acerca dos benefícios psicomotores desta atividade, mas aqui destacaremos o equilíbrio e a concentração⁴. No entanto, é preciso garantir a segurança da atividade utilizando um material de boa procedência para evitar que a fita elástica arrebente ou solte da árvore durante a atividade. Montar o <i>slackline</i> a 20 cm do solo (se houver colchão de amortecimento esta altura pode aumentar). A turma deve participar do processo de montagem do equipamento, durante o qual serão indicados os cuidados com o meio ambiente (pode-se reforçar essa ideia de cuidado além da atividade) e as instruções de segurança. Estabeleça com o grupo um pacto para o bem-estar durante a atividade. O/a professor/a deverá propor também normas de segurança como: a permanência de um/a participante por vez no <i>slackline</i>; solicitar que não toquem na presilha do equipamento que serve para fixar e “tensionar” a fita durante atividade. As instruções irão variar de acordo com a realidade local.

4. Segundo Gallahue e Ozmun o equilíbrio é a qualidade física conseguida por uma combinação de ações musculares com objetivo de assumir e sustentar o corpo sobre uma base contra a lei da gravidade. O equilíbrio estático se refere à habilidade do corpo em manter-se em certa posição estacionária, e o equilíbrio dinâmico se refere à habilidade do indivíduo em manter o equilíbrio quando em movimento de um ponto a outro.

ATIVIDADE 6

Desequilibrando para equilibrar [CONTINUAÇÃO]

PROCEDIMENTO: Cada participante receberá um material (giz ou graveto) para traçar uma linha reta no solo medindo aproximadamente 5 metros. As/os alunas/os deverão andar sobre a linha que traçaram. Após andarem sobre a linha, o/a professor/a pedirá para apontarem os recursos que utilizaram para realizar a atividade e também deverá fazer considerações sobre equilíbrio de forma lúdica e acessível.

Logo após, as/os alunas/os deverão caminhar sobre a fita com o auxílio do/a professor/a. Cabe ressaltar que o/a professor/a deverá apoiar a/o aluna/o, mas que ela/ele não deverá se apoiar de volta. Desta forma, será estimulado o equilíbrio na/o aluna/o, pois quando esta/este se apoia em algo tende a se direcionar para o lado de apoio e, com isso, o estímulo ao equilíbrio é diminuído. As/os alunas/os caminharão sobre a fita com apoio até se sentirem seguras/os para realizarem a caminhada sozinhas/os. Para que seja estimulada a autonomia durante a caminhada, o/a professor/a poderá propor a turma pequenas metas: dar 2 passos sem auxílio; subir na fita sem auxílio; manter-se por 3 segundos sobre a fita, entre outras. Desta forma, a/o aluna/o desenvolverá sua autoconfiança, ressaltando sempre que todo o grupo deverá manifestar o reforço positivo para as dificuldades encontradas. Também é importante que o/a professor/a se atente para a individualidade das/os participantes, estimulando sua capacidade.

Perguntas para discussão:

- O que é equilíbrio para você?
- Apontem no seu dia a dia quais são as situações, pessoas, ambientes, atitudes que te desequilibram e que te equilibram?
- Quando existe um grupo que te incentiva positivamente você se sente equilibrado ou em desequilíbrio?
- Como você faz (ou o que pode fazer) para manter seu equilíbrio? Quem poderia te apoiar nisso?

REFLEXÃO: Após esta vivência, cada aluna/o deverá apontar o que é necessário para se obter equilíbrio. Depois de terem se expressado, o/a professor/a poderá promover um diálogo sobre as questões que surgirem.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Para um aprofundamento sobre atividades de aventura, consulte CÁSSARO, E. R. *Atividades de aventura: aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá*. Londrina. 2011.

ATIVIDADE 7

Sobre as situações ridículas que passamos

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Fortalecendo a confiança.
OBJETIVO:	Trabalhar fortalecimento do grupo através de atividade descontraída com rimas e trabalhar o sentimento do medo de errar e passar por situação julgada vergonhosa.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 9 anos.
DURAÇÃO:	50 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Papel, lápis, canetinha e lápis de cor, livro “Quem tem medo de ridículo” (Ruth Rocha).
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a educador/a pode utilizar textos que falem sobre rima e também apresentar vídeos de situações constrangedoras (ex.: “vídeo cassetada”). Aqui vale ressaltar que os conteúdos não devem reforçar estereótipos⁵ porque a intenção da atividade é de fazer com que as crianças não se levem tão a sério em determinados momentos, já que todas/os nós já vivenciamos situações constrangedoras. Alguns desses materiais, como “vídeo cassetada”, por vezes fazem “piadas” que ajudam a manter a exclusão de determinados grupos em nome de uma suposta “normalidade” ou privilégio de um grupo sobre outro. Por exemplo, há inúmeras situações envolvendo pessoas “gordas” caindo, sem equilíbrio etc. É fundamental perceber o quanto algumas práticas, piadas e um determinado tipo de “humor” podem ser violentos e preconceituosos, repetindo humilhações e ofensas contra grupos excluídos. Todas essas questões devem ser levadas em conta na seleção de vídeos e textos para essa atividade e durante o debate. Essa discussão pode, inclusive, ser um tema interessante para trabalhar em um projeto de esporte para a mudança social, uma vez que, em diversas esferas, ainda são preponderantes as discussões sobre o corpo “perfeito”, “sarado” e “saudável” (isto é, magro) que contribuem para naturalizar a ideia de corpos “ideais” ou “superiores”. O esporte para a mudança social pode ser um contraponto a isso. Por se tratar de uma atividade de grande exposição sobre experiências já vividas, é importante utilizá-la quando sentir que o grupo consegue se escutar sem ridicularizar um ao outro. O objetivo é sensibilizar o grupo para possa rir das situações e não das características dos outros e trabalhar sentimentos como medo ou vergonha..

5. Estereótipo é um “pensamento ou representação de indivíduos e/ou grupos, produto de ideias pré-concebidas, inadequadas e generalizantes, nutridas pela falta de conhecimento real sobre o grupo em questão.” Fonte: *Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres* [org. Ana Paula Brandão]. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. [A cor da cultura ; v.4], p. 120.

ATIVIDADE 7

Sobre as situações ridículas que passamos [CONTINUAÇÃO]

PROCEDIMENTO: Receba a turma e converse sobre situações constrangedoras que podemos passar na vida. O/a educador/a também pode falar sobre as situações vergonhosas que viveu. Em seguida, faça a leitura do livro *Quem tem medo do ridículo* (Ruth Rocha) e converse sobre as rimas do livro. O/a educador/a pode falar uma palavra e pedir que a turma fale outra que rime (dependendo do nível da turma a abordagem pode ser mais complexa). Como produto da oficina, proponha a criação do “Mural do ridículo” e dê uma folha para que cada um/uma crie um verso sobre sua situação vergonhosa e exponha durante um período na sala. Se achar pertinente, você pode fazer algumas das perguntas abaixo para a discussão.

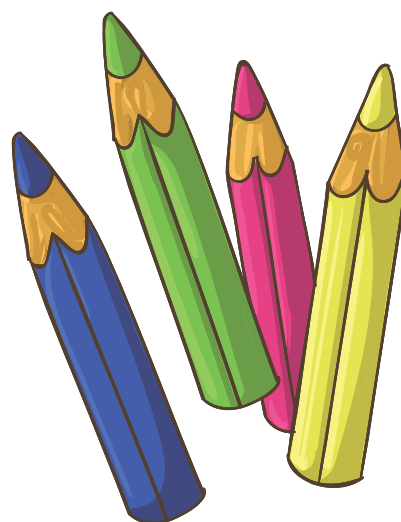
Perguntas para discussão:

- O que você sentiu quando viveu essa situação? Qual foi a sua reação?
- Como saiu dessa situação?
- O que é uma situação ridícula para você? E o que é uma gafe?
- A gente consegue rir de nós mesmos com facilidade?

REFLEXÃO: Quando o/a educador/a inicia com seus relatos sobre gafes e situações embaraçosas, a turma naturalmente começa a relatar diferentes histórias, gerando um clima de riso e descontração e a atividade flui de forma leve. Por isso é importante que o/a educador/a conduza atividade para a questão de que ninguém está imune de sentir vergonha porque todos já vivenciaram uma situação embaraçosa.

Esta atividade é interessante porque coloca todo mundo em uma situação de igualdade em relação ao medo de errar, inclusive o/a educador/a, logo o espaço para gozações fica restrito. Também contribui para fortalecimento de vínculos de confiança.

MATERIAIS RECOMENDADOS: ROCHA, Ruth. *Quem tem medo do ridículo*.





GÊNERO

Gênero refere-se a como atitudes, comportamentos e expectativas são formados com base no que a sociedade atribui ao sexo feminino e masculino, isto é, ao “ser homem” e ao “ser mulher”. Tratam de comportamentos, papéis e maneiras de se relacionar adequados e esperados para homens e mulheres e ensinados e reforçados pela família, pela escola, por amigas/os, pela mídia e por uma série de instituições. Aprendidas e interiorizadas desde a primeira infância, as normas de gênero trazem implicações sobre como nos entendemos como pessoas, vivemos nossa sexualidade e experimentamos as violências, entre outras inúmeras influências e expectativas.

Como são culturais e históricas, as normas de gênero se transformam de acordo com a cultura e o tempo e também podem ser vivenciadas de formas distintas por diferentes gerações ou grupos socioeconômicos. Também são experimentadas de formas decisivamente diferenciadas de acordo com a raça/etnia a que uma pessoa pertence.

Essas normas dizem respeito, ainda, ao modo como pessoas e instituições distribuem o poder em nossa sociedade, construindo, hierarquizando e atribuindo valores distintos entre o masculino e o feminino. Tradicionalmente, ao masculino é conferido mais valor e poder e associadas ideias de superioridade em relação ao feminino. Quantas vezes para repreender um menino que agiu de uma forma supostamente feminina não se usa, por exemplo, a expressão “Parece uma mulherzinha”? Em resposta, muitos meninos passam a se referir a brinquedos, brincadeiras e roupas consideradas “de menina” de uma forma depreciativa. Relacionada a essa distribuição de poder, podemos tomar a definição do que são considerados espaços femininos ou masculinos, como a divisão público-privado (casa x rua), as ocupações desiguais no mercado de trabalho ou na área esportiva.

A esse respeito, podemos citar uma pesquisa desenvolvida⁶ durante o andamento do projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida* que demonstrou que as famílias costumam ser mais receosas quanto à presença de meninas em espaços públicos, preferindo que fiquem

em casa, onde, se espera, ajudem nas tarefas domésticas. Receios e expectativas que, menos direcionados aos meninos, contribuem para que eles ocupem mais espaços comunitários, tendo mais opções de lazer e menos responsabilidades na execução de tarefas dentro de casa.

No mundo do futebol, apesar do crescimento da participação de meninas, a ocupação dos campos ou quadras comunitárias, as resistências ainda existentes quanto à formação de times mistos e a persistente ideia de que meninas, no geral, são mais fracas e entendem menos do jogo ainda são desafios importantes para uma prática mais inclusiva e igualitária entre meninas e meninos.

Esses exemplos demonstram de que forma as normas de gênero “funcionam” no dia a dia, influenciando nossas práticas, atitudes e concepções de mundo. O que o conceito de gênero chama a atenção é que “masculino” e “feminino” são construções sociais que criamos e reforçamos ou questionamos e transformamos ao longo de nossas vidas. E, sobretudo, que essas construções trazem consequências – por vezes, fatais – para a vida tanto de meninas e mulheres quanto meninos e homens.

Embora, historicamente, mulheres tenham sido mais vitimadas pelas iniquidades, pela violência e pela exclusão causada pelo machismo e sexismo, homens também sofrem as consequências da cristalização de determinados papéis que os afastam da paternidade e do cuidado de crianças ou da própria saúde, e os aproximam da violência, seja como vítimas ou como autores. Assim, na origem de muitas violências e desigualdades, está a forma como fomos socializadas/os e educadas/os em termos de gênero.

6. *Gênero e Futebol: entendendo razões para a [não] prática esportiva entre meninas em uma comunidade do Rio de Janeiro*. Autores: Thamires Sarti Ribeiro Moreira, Danielle Araújo e Márcio Segundo, Promundo [2015].

Como são formados os papéis de gênero?

- É um conceito cultural vinculado à forma como as diferentes sociedades constroem as diferenças sexuais, atribuindo *status* diferente a “machos” e “fêmeas”. Historicamente, em muitas sociedades, foi construído um lugar de submissão e inferioridade para mulheres em oposição a um lugar de dominação e superioridade para homens;
- É uma experiência construída ao longo da vida e é subjetiva, social, histórica e singular;
- É uma experiência construída por meio das relações com as outras pessoas e com o mundo que nos cerca;
- Interage com outras categorias, como raça/etnia, classe social, contexto cultural e econômico e geração. Ou seja, “ser homem” ou “ser mulher” é vivenciado de formas diferentes de acordo com nossa raça/etnia, classe social, nossa idade, nossa orientação sexual, se temos uma deficiência ou não, entre outras características.

EQUIDADE DE GÊNERO

Ao falarmos em promoção da equidade de gênero, referimo-nos à criação de condições e oportunidades para que as pessoas possam diferir e seguir suas aspirações. Equidade é um processo que leva à igualdade por meio de medidas que compensam as desvantagens sociais e históricas e consideram as diferentes necessidades para que homens e mulheres possam gozar do mesmo *status*.

Gênero e sexualidade

As normas de gênero incluem ainda regras de relacionamentos afetivos e sexuais. Desta forma, em torno da nossa sexualidade foram criadas normas e expectativas para sentimentos e comportamentos associados ao gênero. Veja alguns comportamentos referentes à sexualidade esperados para homens/meninos e mulheres/meninas:

HOMENS	MULHERES
Tome a iniciativa	Espere a iniciativa do homem/parceiro
Assuma o controle	Aceite as decisões do parceiro
Faça sexo com várias parceiras	Não tenha muitos parceiros
Banque a “balada”	Pode ter menos preocupações com o dinheiro da “balada”
Não precisa se preocupar com anticoncepção	Assuma a responsabilidade pela anticoncepção
Não pode recusar sexo	Dê prazer sexual para “agarrar seu homem”
Não fale sobre sentimentos	Seja atraente e sensual, mas não “muito sensual”
Deve saber mais sobre sexo que mulheres	Não abuse da bebida para evitar violências
Necessitam mais de sexo que a mulher	Não necessitam tanto de sexo quanto os homens

Outro aspecto relacionado à vida sexual e concepções de gênero diz respeito à orientação sexual. Espera-se que as pessoas sintam-se atraídas sexual e afetivamente por pessoas pelo sexo diferente do seu, isto é, que sejam heterossexuais. A heterossexualidade é assumida como o padrão “normal” de sexualidade, desconsiderando outras formas de relação afetiva e sexual e gerando preconceito contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Conversar e informar sobre questões referentes à sexualidade também deve levar em consideração o como essas normas de gênero afetam a vida de crianças, adolescentes e jovens e afirmar o quanto meninas e meninos têm os mesmos direitos e de que os cuidados com a saúde referentes à vida sexual e reprodutiva é responsabilidade de ambos.

São temas importantes para discussão o consentimento para beijar, namorar ou ter relações sexuais, a chamada “pornografia de vingança” [isto é, quando um homem divulga fotos de sua ex-parceira nua ou durante a relação sexual como forma de vingança pelo fim do relacionamento] e a atribuição de “culpa” a meninas e mulheres que foram estupradas por estarem com roupas curtas, alcoolizadas ou em locais considerados impróprios, “desresponsabilizando” rapazes e homens que cometeram esse ato. As atividades referentes à discussão sobre sexualidade e gênero foram extraídas dos Manuais H e M, do Promundo⁷, que podem ser consultados para outras sugestões de técnicas educativas sobre sexualidade e violência sexual.

É sobre a socialização baseada no gênero e suas consequências – sobre a sexualidade, a divisão de tarefas domésticas, o cuidado com crianças, a participação das mulheres no mercado de trabalho e nos campos de futebol, o impacto na violência contra a mulher⁸ – de que tratam as atividades dessa seção.

7. Disponíveis no site: www.promundo.org.br/recursos.

8. Nesta seção, o foco está nas mulheres, mas, como dissemos anteriormente, o conceito de gênero é relacional, isto é, se constrói nas relações estabelecidas entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens.

Glossário

IDENTIDADE DE GÊNERO – Termo relacionado à forma como as pessoas concebem sua identidade, percebendo-se como homem ou mulher, de acordo com os papéis de gênero estabelecidos socialmente para um ou outro.

ORIENTAÇÃO SEXUAL – É a orientação do desejo; o sentimento de atração que temos por uma ou várias pessoas tanto no âmbito afetivo como sexual. Os seres humanos podem, legitimamente, se interessar por uma pessoa do sexo diferente do seu, pelo mesmo sexo ou por ambos os sexos. Serão, respectivamente, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

TRANSGÊNERO – Termo que inclui as pessoas transexuais, travestis, com genitália ambígua e todas as outras categorias cuja identidade de gênero seja incongruente com o sexo designado no nascimento.

TRANSEXUAL – Homens ou mulheres cujo sexo biológico não corresponde à ideia que têm de si mesmos/as. Isto é tão acentuado que alguns indivíduos procuram a cirurgia de adequação ou mudança de sexo. Há também outros que, mesmo se identificando com o outro sexo, convivem bem com os genitais com os quais nasceram.

TRAVESTI – Homens ou mulheres que adotam o papel social do outro sexo, muitas vezes, realizando mudanças corporais por meio de cirurgias plásticas, injeções de silicone ou terapia hormonal, mantendo características de ambos os sexos. A travesti não realiza cirurgia para modificar seu órgão sexual. Trata-se também de uma forma de expressão corporal, não necessariamente relacionada à orientação sexual.

ATIVIDADE 1

O que é isso chamado gênero? ⁹

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Papéis de gênero.
OBJETIVO:	Estimular a compreensão sobre gênero e refletir sobre como as normas sociais de gênero influenciam a vida e os relacionamentos de homens e mulheres.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 12 anos.
DURAÇÃO:	2 horas.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Flip-chart, marcadores e fitas adesivas.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Antes de desenvolver esta atividade, o/a facilitador/a deve compreender as discussões em torno do sistema sexo x gênero. Definições gerais sobre estes conceitos estão incluídas na Folha de Apoio desta atividade e também na introdução desta seção. Uma definição geral de gênero segue abaixo: <i>Gênero diz respeito à forma como somos socializadas – isto é, como atitudes, comportamentos e expectativas são formados com base no que a sociedade atribui ao que é ser homem ou o que é ser mulher. Estas características podem ser aprendidas de membros da família, amigos, instituições culturais e religiosas e no espaço de trabalho.</i> É possível que alguns/algumas participantes confundam gênero com orientação sexual. É importante esclarecer que gênero é uma construção sociocultural através da qual certas atitudes e comportamentos são designados às pessoas, caracterizando-as como homens ou mulheres. Por outro lado, a orientação sexual está relacionada à capacidade de se relacionar romanticamente ou sexualmente com alguém de outro sexo (heterossexual), alguém do mesmo sexo (homossexual) ou com pessoas de ambos os sexos (bissexual). Independentemente de sua orientação sexual, cada indivíduo é influenciado pelas expectativas sociais de gênero. Também é importante que sexo e gênero não sejam apresentados como identidades rígidas e dicotômicas, discutindo, por exemplo, como transgêneros e transexuais (Veja no Glossário dessa seção e na Folha de Apoio) não se encaixam dentro das categorias tradicionais de gênero e sexo.

9. Atividade extraída de: Manual M - Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde/Promundo; Salud y Género; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008, p. 20.

ATIVIDADE 1

O que é isso chamado gênero? [CONTINUAÇÃO]

PROCEDIMENTO: Desenhe duas colunas em um papel de flip-chart e na primeira coluna escreva “mulher”. Na segunda coluna escreva “homem”. Peça às/aos participantes para falarem o nome de características associados à ideia de “ser mulher”. Escreva os nomes na primeira coluna, conforme as/os participantes sugerirem. As respostas podem ter características positivas ou negativas. Auxilie o grupo a nomear atributos tanto sociais como biológicos. Repita a mesma atividade para a coluna “homem”.

Cite brevemente algumas das características listadas em cada coluna para reforçar o que a turma disse e depois troque os títulos de cada coluna, isto é, substitua a palavra “mulher” pela palavra “homem” na primeira coluna e vice-versa. Pergunte às participantes se as características listadas para as mulheres poderiam ser atribuídas aos homens e vice-versa. Use as questões abaixo para facilitar a discussão sobre quais características as/os participantes pensam não poder ser atribuídas a ambos, homens e mulheres, e por que. Entretanto, como mencionado anteriormente, é importante que as categorias de sexo e gênero não sejam apresentadas como sendo rígidas ou uma estrita dicotomia.

Perguntas para discussão:

- O que significa ser uma mulher?
- O que significa ser um homem?
- Vocês acham que homens e mulheres são criados da mesma forma? Por quê?
- Que características atribuídas ao homem ou a mulher são avaliadas como positivas ou negativas em nossa sociedade?
- Como seria para uma mulher assumir características atribuídas tradicionalmente ao homem? Seria fácil ou difícil?
- Como seria para um homem assumir características relacionadas tradicionalmente a uma mulher?
- Qual a influência que as nossas famílias e amigos exercem sobre percepções do significado de ser homem ou mulher?
- Quais os efeitos que os meios de comunicação (televisão, revistas, rádio, etc.) têm sobre as nossas percepções do que significa ser homem ou ser mulher? Como é que a mídia mostra o que é ser mulher? E ser homem?
- Existe alguma relação entre gênero e poder¹⁰? Explique.
- Como essas diferenças entre o significado de ser mulher ou homem afetam o nosso dia-a-dia? E as nossas relações com a família? E as nossas relações com parceiros íntimos?
- Como podemos, em nossas próprias vidas, mudar algumas expectativas negativas ou não-equitativas de como um homem deve agir? Como poderíamos mudar algumas expectativas negativas ou não-equitativas sobre como uma mulher deve agir?
- O que aprendemos durante esta atividade? Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos?

10. Veja atividade “Pessoas e coisas”, p. 86.

ATIVIDADE 1

O que é isso chamado gênero? [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Ao longo de suas vidas, mulheres e homens recebem mensagens da família, da mídia e da sociedade sobre como devem agir e como devem se relacionar com os outros. É importante entender que, embora haja diferenças entre homens e mulheres, muitas dessas diferenças são construídas pela sociedade e não são parte de nossa natureza ou de nossa constituição biológica. Mesmo assim, essas diferenças podem ter um impacto fundamental sobre a vida diária e os relacionamentos de mulheres e homens. Por exemplo, normalmente se espera que o homem seja forte e dominante ao se relacionar com os outros, inclusive com as/os parceiras/os íntimas/os. Ao mesmo tempo, espera-se que a mulher seja submissa à autoridade do homem. Muitos desses estereótipos rígidos de gênero têm consequências tanto para os homens como para as mulheres. Quando nos tornamos mais conscientes de como os estereótipos de gênero podem influenciar negativamente nossas vidas e nossa comunidade, podemos pensar de forma construtiva sobre como combatê-los e como promover papéis de gênero e relacionamentos mais positivos em nossas vidas e em nossa comunidade.

TEXTO DE APOIO: SEXO X GÊNERO

“(…) Uma compreensão profunda das relações de gênero deve ir além [da dicotomia sexo x gênero], desnaturalizando diversos aspectos da vida social que hoje são jogados no corpo, na biologia ou na “natureza”. (…)

Fato é que gênero, hoje, já não é mais um palavrão. Partir do pressuposto de que as noções de masculino e feminino são construídas historicamente não chega a assustar os mais desavisados. (…)

(…) assumimos a noção de que o corpo é uma superfície fora da cultura, sobre a qual podemos imprimir novos significados (do âmbito sociocultural), mas nunca ressignificá-lo.(…)

Superar a concepção que toma o corpo como invariável é o primeiro passo para quebrar a dicotomia sexo x gênero, pois “se o próprio corpo é sempre visto através de uma interpretação social”, conclui Nicholson (2000), “então o ‘sexo’ não pode ser independente do ‘gênero’; antes, sexo nesse sentido deve ser algo que possa ser subsumido pelo gênero.” A autora propõe, portanto, que o conceito de gênero já inclua o conceito de sexo, uma vez que gênero está atento às construções sócio-culturais, nas quais o corpo se inclui.

Esse ponto é bastante complexo e merece análises mais aprofundadas, pois não é fácil, na nossa visão dicotomizada e naturalizante, compreender o corpo – justo o corpo! – como uma construção social, datada historicamente.”¹¹

11. Texto extraído de *Ensaio de Gênero*, de autoria de Adriano Senkevics. A versão completa está disponível em <https://ensaio-de-genero.wordpress.com/2011/12/08/dicotomia-sexo-x-genero/>. Acesso em 04/04/2016.

ATIVIDADE 2

Modernização de contos de fadas

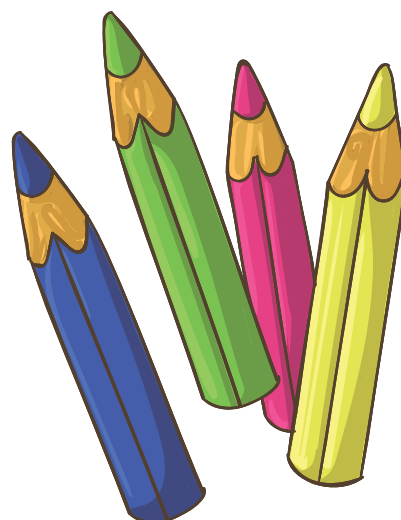
CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Papéis de gênero.
OBJETIVOS:	Refletir sobre o papel da mulher nos contos de fadas e trabalhar a produção de textos a partir da atividade de reescrita de contos.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 10 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Lápis, borracha, papel, livros ou fichas contendo histórias de contos de fadas.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Antes de abordar o tema da reescrita, o/a facilitador/a pode dividir o texto em partes e pedir que as/os alunas/os coloquem o conto em um plano de sequência. Desta forma, torna-se muito importante trabalhar com contos bem conhecidos pela turma.
PROCEDIMENTO:	Peça que a turma fale sobre os contos de fadas de que mais gosta e, em sequência, pergunte como percebe o papel da mulher nos contos. Questione sobre as mulheres com que cada um/a convive e sobre as mulheres da atualidade, apontando as diferenças em relação ao trazido pelos contos. Em seguida, proponha uma atividade de modernização de contos com a inserção de personagens ou situações mais reais. O/a facilitador/a pode sortear contos para cada um/a dos/as alunos/as ou deixar que escolham o conto que irão reescrever. Perguntas para discussão – Por que você escolheu esse conto para reescrever? – Quais as personagens femininas nesses contos? Como são e o que fazem? – E quais as personagens masculinas nesses contos? Como são e o que fazem? – Por que vocês acham que há diferenças na forma como mulheres e homens são retratados nos contos? – Essas mulheres são parecidas com as mulheres que você conhece? E os homens? – Existem personagens negras nos contos? Qual seu papel? – Esses contos (e outras histórias como as de novelas ou filmes) influenciam as pessoas? Influenciaram você ou seus amigos/suas amigas em algum momento? Se sim, de que forma? – Se houve influências, quais as consequências delas na vida de mulheres e homens? – O que achou importante abordar na atividade de reescrita do conto?

ATIVIDADE 2

Modernização de contos de fadas [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Nesta atividade, é importante refletir sobre os papéis que foram tradicionalmente atribuídos às mulheres (passivas, românticas, dependentes, à procura de um “príncipe encantado” ou “salvador”, etc) que desconsideram as múltiplas possibilidades de “ser mulher” e suas potencialidades. Outra questão importante para ser abordada é a temática racial, a partir do questionamento da ausência da mulher negra (ou seu papel subalterno) nos contos de fada e sobre como os padrões de beleza e comportamento das princesas impactam a vida das pessoas e geram baixa autoestima.

TEXTO DE APOIO: Para fazer um contraponto aos contos tradicionais e inspirar outras histórias, o/a facilitador/a pode ler ou recomendar a leitura dos livros “Volta ao mundo dos contos nas asas de um pássaro” de Catherine Gendrin e “Princesas africanas”, de diversos autores, que traz diversas histórias de heroínas africanas.



ATIVIDADE 3

Circuito Bebexiga

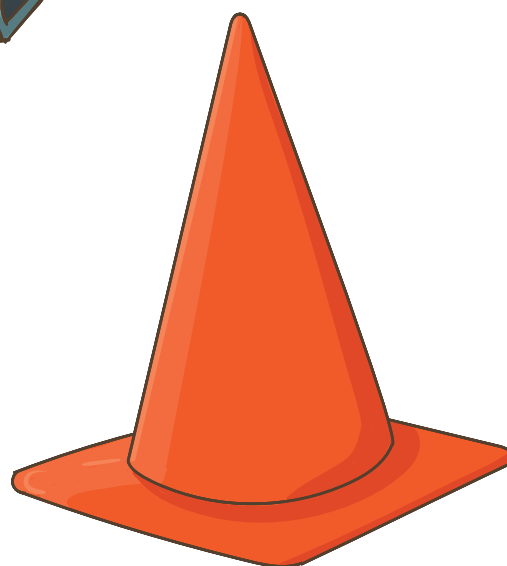
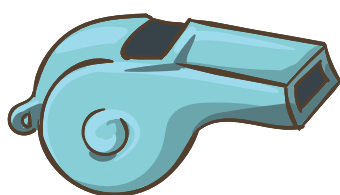
CONTEÚDO:	Educação Física – Atletismo.
SUBTEMA:	Divisão de papéis/tarefas de cuidado nas famílias.
OBJETIVOS:	Discutir a importância da divisão de tarefas de cuidado de crianças e a pluralidade de formações familiares.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 8 anos.
DURAÇÃO:	30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Apito, cones, bexiga, água, balde, cordas, arcos etc.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É importante separar o material e montar o circuito com antecedência.
PROCEDIMENTO:	Pedir para as/os alunas/os formarem duplas de livre escolha. Cada dupla receberá uma bexiga cheia de água que representará uma criança. A bexiga representará o filho/o e as duplas serão pais, mães ou responsáveis. Vale ressaltar a importância do cuidado com a bexiga no decorrer da prova. As duplas deverão percorrer um circuito com obstáculos revezando a pessoa que segura a bexiga a cada estação. Na última estação, a dupla deverá transportar a bexiga, com as duas pessoas segurando juntas a mesma bexiga até a chegada. Mesmo a dupla que tiver sua bexiga estourada terminará o circuito. Sugestão de circuito: • Estação 1: Pisar alternadamente nos arcos dispostos no chão; • Estação 2: Saltar os cones com os pés grupados; • Estação 3: Passar por baixo das cordas; • Estação 4: Contornar os cones dispostos e transpor os obstáculos em dupla até a chegada. Perguntas para discussão: – Como foi a escolha das duplas? Quando souberam que teriam que cuidar de uma “criança” se arrependeram desta escolha? – Alguém, em específico, deveria cuidar da bexiga? – No dia a dia, homens e mulheres compartilham a tarefa de cuidar das/os filhas/os de forma igualitária? – Duas pessoas do mesmo sexo podem cuidar de uma criança? Por que sim ou por que não?

ATIVIDADE 3

Circuito Bebexiga [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Após a chegada de todas as duplas, reunir em círculo e discutir sobre o papel da maternidade e da paternidade na sociedade. O/a professor/a deverá estar atento durante toda a atividade para ouvir comentários e observar situações que possam contribuir para o debate. Ex: a formação de duplas do mesmo sexo, deixar a/o filha/o cair, brigar com a/o parceira/o, atitudes machistas ou preconceituosas etc.

TEXTO DE APOIO: Para apoiar a discussão sobre o tema do envolvimento dos homens na paternidade, você pode consultar o manual do *Programa P – Manual para o exercício da paternidade e do cuidado*, do Promundo e parceiros, que propõe atividades e reflexões sobre a participação de homens no cuidado e está disponível em: www.promundo.org.br/recursos. Também pode ser útil para o debate a consulta ao *Marco Legal da Primeira Infância*, legislação sancionada em março de 2016, que trata de políticas públicas para a primeira infância (0-6 anos de idade), como o aumento do tempo de duração das licenças-maternidade e paternidade.



ATIVIDADE 4

Onde as mulheres estão presentes?

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Empoderamento Feminino.
OBJETIVOS:	Identificar os espaços em que as mulheres estão presentes, discutir a importância dessa inserção e promover um debate sobre as normas sociais rígidas de gênero.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Cartolina e caneta.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É necessário ter esclarecido que as construções de desigualdades de gênero são sociais e culturais. Para ilustrar a atividade, é interessante pesquisar e mostrar para a turma exemplos de representações sociais de mulheres e homens em outras culturas.
PROCEDIMENTO:	Divida a turma em grupos de 4 alunos e peça para que escrevam os “cenários” abaixo na cartolina: • Cenário 1 – Locais de trabalho (Escritório, empresa) • Cenário 2 – Casa (Espaço de convivência familiar) • Cenário 3 – Rua (Espaços de diversão, lazer, lugares à noite ou dia) • Cenário 4 – Mídia (TV, jornal, revistas) • Cenário 5 – Esportes (Tipos de esportes, funções) A partir dos cenários, os grupos precisam relacionar as atividades nas quais percebem a presença das mulheres, partindo das funções que exercem, os papéis que desempenham e os lugares que ocupam. Após preencherem os cenários, os grupos deverão apresentar seus cartazes. Com a apresentação realizada, inicie o debate com os locais apontados em comum pelos grupos, fomentando a discussão acerca das questões de gênero e a forma como a naturalização de algumas normas sociais cria e mantém as desigualdades entre homens e mulheres. Perguntas para discussão: – Existem diferenças na forma como homens e mulheres estão nestes espaços? Quais são elas? – É possível mudar essas diferenças? – Mulheres e homens desempenham as mesmas funções em casa? É igualitária a divisão das tarefas? Quais as diferenças? – E nos espaços esportivos? Mulheres e homens têm o mesmo tipo de tratamento? O que você acha disso? – A mídia representa da mesma forma mulheres e homens na propaganda? E nas novelas? – Entre as mulheres, a inserção e a representação das mulheres negras e brancas acontecem da mesma forma nas propagandas ou nos papéis de novelas ou séries? Como isso se dá e por que isso acontece?

ATIVIDADE 4

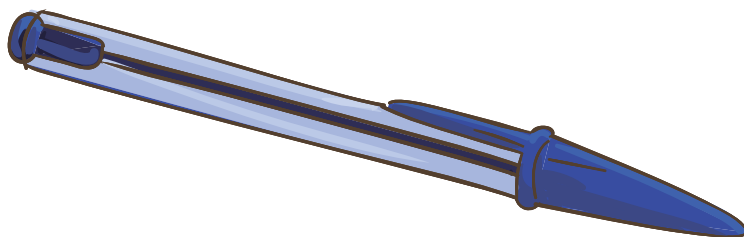
Onde as mulheres estão presentes? [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: O importante nesta atividade é questionar a naturalização dos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens, frisando que essas normas rígidas são culturais e não biológicas, sendo possíveis de serem mudadas. Na discussão, é possível levantar ainda que as normas de gênero também trazem consequências para os homens, que muitas vezes podem sofrer preconceitos pela escolha de determinada profissão ou por executarem determinadas tarefas domésticas, além da própria divisão das tarefas ainda sobrecarregar as mulheres. Ao discutir a presença das mulheres nos diferentes cenários, é fundamental debater de que forma essa inserção acontece, o que pode ser facilitado a partir das perguntas abaixo.

TEXTO DE APOIO: Para consultar outros materiais sobre promoção da equidade de gênero, você pode acessar o site do Promundo: <http://promundo.org.br/trabalho/?programa=jovens-e-equidade>.

Alguns filmes também podem ser úteis para a discussão:

- Até o limite da honra (1997) – classificação indicativa: 16 anos
 - Que horas ela volta? (2015) – classificação indicativa: 14 anos
 - A pele de Vênus (2013) – classificação indicativa: livre
 - Volver (2006) – classificação indicativa: 14 anos
 - Billy Elliot (2000) – classificação indicativa: 12 anos
 - As sufragistas (2015) – classificação indicativa: 14 anos
 - Carol (2015) – classificação indicativa: 14 anos
-



ATIVIDADE 5

Futebol vale 10

CONTEÚDO:	Educação Física – Futebol.
SUBTEMA:	Empoderamento Feminino.
OBJETIVOS:	Incluir e valorizar a participação feminina no jogo de futebol ou futsal.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 8 anos.
DURAÇÃO:	30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Bola de futebol ou futsal, apito e coletes.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Esta atividade deve ser aplicada principalmente em turmas que as meninas são excluídas ou não são valorizadas durante o jogo. Ela pode ser adaptada para outro jogo de invasão, podendo seguir suas regras oficiais ou criando novas em conjunto com a turma.
PROCEDIMENTO:	Forme 2 times mistos e explique que o gol feito por meninas valerá 10 pontos, enquanto o gol feito por meninos valerá 1 ponto. Inicie o jogo e conduza a partida normalmente. A única diferença é a pontuação na hora gol. Discuta com a turma a supervalorização do gol das meninas nesta atividade e leve-a a associar essa regra desigual ao que acontece na realidade, inclusive no próprio cotidiano do seu projeto (se este for o caso), lembrando de situações em que as meninas foram excluídas das jogadas ou tratadas com desrespeito. Utilize dados sobre futebol feminino acerca da participação em campeonatos mundiais, organização de torneios regionais e espaços em que se desenvolve o futebol feminino, além de destacar fatores como a diferença salarial e o prestígio midiático. Após a discussão, trace junto com as/os alunas/os estratégias para se alcançar a equidade e a coletividade no ato de jogar futebol. Perguntas para discussão: – Por que o gol das meninas valia mais? Como se sentiram em relação a isso? – Qual é a realidade das meninas nos jogos de futebol? Elas são aceitas igualmente? Por que sim ou não? – Em que outras situações as atividades desenvolvidas por meninas vale menos? Isso acontece com os meninos também? – Por que acham que isso acontece? – Como meninas e meninos podem jogar juntos com respeito e igualdade?

ATIVIDADE 5

Futebol vale 10 [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Ao estabelecer a diferença de pontuação entre gols marcados por meninas e gols marcados por meninos, a atividade contribui para ressaltar a desigualdade no acesso à prática do futebol pelas meninas. Um desdobramento possível é criar regras que reforcem o respeito em campo, problematizando várias normas de gênero associadas à masculinidade e que são comuns em um espaço ainda tão masculino quanto o futebol. Por exemplo, você pode discutir as ideias de “força” e “virilidade” como atributos masculinos que estão na base de atos violentos em campo, seja a exclusão das meninas, seja brigas, xingamentos ou apelidos depreciativos entre os próprios meninos. Também pode pensar com o grupo como a socialização na rua ou em casa contribui para que as pessoas desenvolvam habilidades diferentes.

TEXTO DE APOIO: No texto indicado a seguir, você encontra uma reflexão sobre a trajetória da mulher no esporte:

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005



ATIVIDADE 6

Diferentes posições sobre sexualidade¹²

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Sexualidade.
OBJETIVO:	Refletir sobre diferentes opiniões a respeito da sexualidade, que variam segundo gênero, religião, cultura, geração e camada social, entre outros fatores.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Sala com cadeiras em círculos, uma para cada participante.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Para dar mais dinâmica à atividade, você pode incluir situações neutras ou divertidas, como “troque de cadeira quem estiver com camisa branca” ou frases para ouvir a opinião dos/as participantes sobre assuntos relacionados ao seu cotidiano. As frases também podem ser adaptadas de acordo com a faixa etária do grupo.
PROCEDIMENTO:	Peça às/os participantes para se sentarem nas cadeiras em círculo, apenas uma deve estar vazia. Quando o/a facilitador/a ler as declarações, as pessoas que estiverem de acordo devem mudar de cadeira. Pergunte para quem se moveu e quem não se moveu por que fez isso. Use as questões abaixo para facilitar a discussão, depois de ter debatido todas as razões que levaram os/as participantes a permanecer ou trocar de posição. Perguntas para discussão: – Como foi se posicionar a respeito da sexualidade? Fácil ou difícil? – Como o grupo viu a pessoa que ficou em minoria? – Por que as pessoas têm opiniões diferentes a respeito da sexualidade? A posição é a mesma entre pessoas de grupos, idades, sexo ou funções diferentes? – Como são formados os valores ou opiniões a respeito da sexualidade?
FECHAMENTO:	Apesar de o grupo ser da mesma faixa etária e mesma comunidade, existem opiniões diferentes em relação à mesma declaração. Além de fatores socioculturais, as posições a respeito do mesmo tema variam de acordo com fatores individuais, como a educação familiar, história pessoal etc. Muitas vezes, tomamos decisões de maneira muito rápida, sem refletir o suficiente, o que contribui para preconceitos e estereótipos. É importante refletirmos sobre nossas opiniões, se estamos agindo ou não com discriminação. Se as opiniões ou valores são construídos pela sociedade, pela cultura e pela educação significa que podemos mudá-los.

12. Atividade extraída do manual *Trabalhando com mulheres e homens jovens: manual de atividades educativas para sensibilização sobre gênero, sexualidade e saúde*. Rio de Janeiro: Promundo, 2011, p. 38.

ATIVIDADE 6

Diferentes posições sobre sexualidade [CONTINUAÇÃO]

FOLHA DE APOIO: Estas são apenas sugestões de opiniões a respeito de questões relacionadas à sexualidade. Você pode citar outras posições para melhor se adequar ao grupo e enriquecer a atividade:

- Só os homens podem ter relações sexuais antes do casamento.
 - As mulheres são sempre fiéis.
 - A responsabilidade de evitar a gravidez é principalmente da mulher.
 - Homens adolescentes devem saber mais sobre sexo do que meninas.
 - Não tem problema um homem de 24 anos namorar uma menina de 13 anos.
 - A masturbação é necessidade do corpo, principalmente de adolescentes.
 - Mulheres não se masturbam.
 - Mulheres que demonstraram interesse no sexo merecem uma má reputação.
 - Ter um nome/reputação ruim é pior para as mulheres do que para os homens.
 - Algumas vezes as meninas/mulheres são culpadas se elas são estupradas.
 - O homem deve sempre ter o controle no relacionamento.
 - Todas as pessoas têm a mesma importância.
 - Se uma adolescente de 14 anos quer se prostituir o problema é dela.
 - A pessoa que paga uma menina de 12 anos para fazer sexo está dando uma ajuda para ela sobreviver.
-

ATIVIDADE 7

Quero, não quero... Quero, não quero¹³

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Sexualidade.
OBJETIVO:	Discutir as várias razões pelas quais os indivíduos escolhem ter ou não relações sexuais e os desafios e estratégias relacionadas à negociação de abstinência ou sexo nos relacionamentos íntimos.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Flipchart (ou cartolina ou papel pardo); marcadores (caneta pilot); fita adesiva.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Durante esta atividade, alguns meninos podem ter que representar papéis femininos. Isto nem sempre é fácil e deverá ser apresentado como opcional (um procedimento alternativo pode ser envolvê-los em um debate, em vez da representação de papéis, baseado nas situações presentes). No caso da representação de papéis, é provável que haja risadas durante o exercício. É importante entender que algumas dessas risadas podem ser causadas por algum embaraço ou desconforto ao representar papéis femininos ou por assistir algum homem representando o papel de uma mulher. O/a facilitador/a deve ser flexível com este tipo de resposta e, no momento apropriado, pode lembrar às/aos participantes das discussões anteriores sobre gênero e estimulá-las/os a refletir sobre os motivos de sua reação à representação de um papel tradicional de mulher. Se o/a facilitador/a sentir que é mais relevante, esta atividade pode ser adaptada de forma que haja um grupo que represente a negociação do preservativo em uma relação sexual (como forma de prevenir DST/ HIV e/ ou como forma de evitar uma gravidez). Ou, se houver tempo, após negociação se vai haver sexo ou não, pode ser feita uma representação de papéis sobre outras questões, incluindo o uso de preservativo, número de crianças ou como gastar a verba da casa.

13. Atividade extraída do manual *Trabalhando com mulheres e homens jovens: manual de atividades educativas para sensibilização sobre gênero, sexualidade e saúde*. Rio de Janeiro: Promundo, 2011, p. 78.

ATIVIDADE 7

Quero, não quero... quero, não quero [CONTINUAÇÃO]

PROCEDIMENTO: Divida os/as participantes em quatro grupos, numerando-os/as por meio de cores.

Grupo e temas a discutir:

- Grupo H1: As razões por que os homens querem ter sexo em um relacionamento;
- Grupo H2: As razões por que os homens não querem ter sexo em um relacionamento;
- Grupo M1: As razões por que as mulheres querem ter sexo em um relacionamento;
- Grupo M2: As razões por que as mulheres não querem ter sexo em um relacionamento.

Explique que cada grupo irá representar a negociação de abstinência ou sexo, de acordo com as situações do quadro acima (H1, H2, M1, M2). Dê 10 minutos para que o grupo discuta e prepare argumentos para a negociação.

Primeira negociação:

H1 (homens que querem) negocia com M2 (mulheres que não querem). Peça para os dois grupos negociarem ter relação sexual, imaginando uma situação em que o homem quer ter sexo e a mulher não.

Segunda negociação:

H2 (homens que não querem) negocia com M1 (mulheres que querem). A representação da negociação pode ser desenvolvida da mesma forma que a primeira.

Em seguida, pergunte o que sentiram e o que aprenderam com o exercício. Em ambos os casos, o/a facilitador/a deve escrever em um flip chart os argumentos mais importantes, tanto a favor quanto contra.

Perguntas para discussão:

- As representações têm a ver com a realidade?
 - De que maneira esta maneira de negociação aparece na vida real?
 - Que estratégias de comunicação positiva foram usadas?
 - Que estratégias de comunicação negativa foram usadas?
 - Que outras estratégias de comunicação poderiam ter sido usadas?
 - O que torna mais fácil negociar abstinência com o parceiro? O que torna mais difícil?
 - O que acontece se a negociação se “dá no calor do momento”, ou seja, imediatamente antes? Isto torna mais fácil ou mais difícil?
 - Quais são as razões pelas quais uma mulher deveria querer ter relação sexual? E para não querer? (veja Folha de Apoio desta atividade: Razões pelas quais homens e mulheres querem ter relações sexuais)
 - Quais são as razões pelas quais um homem deveria querer ter relação sexual? E para não querer? (veja Folha de Apoio desta atividade: Razões pelas quais homens e mulheres querem ter relações sexuais)
 - Como um homem reage se uma mulher procura por sexo em um relacionamento?
 - Um homem pode sempre que quiser dizer não ao sexo? Por quê?
 - Uma mulher pode sempre que quiser dizer não ao sexo? Por quê?
 - É justo pressionar alguém para ter relações sexuais? Por quê?
 - Como homens e mulheres podem pressionar seus parceiros para ter relações sexuais?
 - Como esta pressão pode influenciar a capacidade de alguém ser abstinente ou praticar sexo seguro? Como isto influencia a prevenção de HIV?
 - Alguns direitos relacionados à decisão de ter ou não relações sexuais são menos respeitados em termos de gênero, idade ou classe? Por quê?
 - Se um casal decide ter relações sexuais, o que deveria ser conversado antes que tenha a primeira relação?
 - O que você aprendeu com este exercício?
-

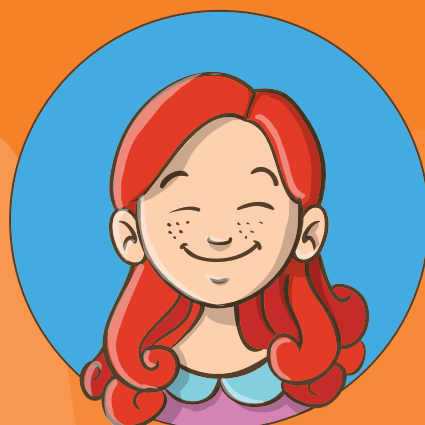
ATIVIDADE 7

Quero, não quero... quero, não quero [CONTINUAÇÃO]

FECHAMENTO: As pessoas tomam decisões sobre a atividade sexual ao longo de suas vidas. Muitos fatores vão ao encontro de decisões que levam à abstinência ou a ter relações sexuais.

- No caso das mulheres, o medo de perder seu parceiro, expectativas sociais ou baixa autoestima podem levá-las a aceitar ter relações sexuais. Entre os homens, a decisão de ter sexo pode ser influenciada por seus pares ou pela pressão social para provarem sua masculinidade. Além disso, estilos de comunicação, emoções, autoestima e relações de poder desiguais, tudo isto contribui para como parceiros negociam ter relações sexuais ou não.
- É importante estar consciente de como estes diferentes fatores influenciam nossos próprios desejos e decisões de nossos parceiros. Também é importante lembrar que negociar não quer dizer ganhar a todo custo sem buscar a melhor situação para ambas as partes e, sim, dizer onde ambas as partes ganham. Todos os indivíduos têm direito de tomar suas próprias decisões sobre o sexo e decidir se e quando querem se tornar sexualmente ativos com seus parceiros. Sob nenhuma circunstância esses direitos podem ser negados a um indivíduo. É importante notar que a discussão sobre ter ou não sexo é importante, bem como é importante discutir o uso do preservativo como forma de planejamento familiar ou prevenção de DST e HIV.

FOLHA DE APOIO:	RAZÕES PELAS QUAIS HOMENS E MULHERES QUEREM TER RELAÇÕES SEXUAIS	RAZÕES PELAS QUAIS HOMENS E MULHERES NÃO QUEREM TER RELAÇÕES SEXUAIS
	• Para parar a pressão de amigos/ parceiro • Para expressar amor em um relacionamento • Para evitar solidão • Para provar sua masculinidade/ feminilidade • Para ganhar amor ou se sentir amado • Para ter prazer • Porque acredita que outras pessoas estão fazendo sexo • Para envolver o parceiro • Não sabe como dizer “não” • Para engravidar ou se tornar pai ou mãe • Para satisfazer curiosidade • Por não ter nada melhor para fazer • Em troca de dinheiro ou presentes	• Para seguir crenças religiosas ou pessoais/ valores familiares • Evitar gravidez não planejada • Evitar infecções por DSTs ou HIV • Evitar prejudicar sua reputação • Para não se sentir culpado • Medo de se magoar • Para esperar o parceiro certo • Por não estar pronto • Para esperar pelo casamento



DIVERSIDADES

Vivemos em sociedades que discriminam as pessoas por sua origem ou condição social, identidade racial, orientação sexual, gênero, idade, entre outras características. Sociedades que transformam as diferenças em razões para tratamentos desiguais, reagindo com preconceitos, privações, violências físicas, simbólicas e psicológicas e, no limite, atentados à própria vida desses grupos.

Atribuímos a determinadas características valores positivos ou negativos, criamos padrões “normais” e hierarquizamos os que se “enquadram” e os que não. Esse processo social, contudo, é tomado por “natural” e não como resultado de uma ação criada e alimentada por relações de poder extremamente desiguais.

Compreender, respeitar e reconhecer(se) nas diversidades torna-se, portanto, um exercício fundamental para o respeito à vida e aos direitos de diferentes grupos e de nós mesmas/os. No campo da educação inclusiva, por exemplo, considera-se que “o reconhecimento e a abordagem da diversidade constituem o ponto de partida para evitar que as diferenças se transformem em desigualdades e desvantagens entre os estudantes. Isto pressupõe educar com base no respeito às peculiaridades de cada estudante e no desenvolvimento da consciência de que as diferenças resultam de um complexo conjunto de fatores, que abrange as características pessoais e a origem sociocultural, assim como as interações humanas”.¹⁴

É importante estar disponível para fazer perguntas: por que se comete (ou cometemos) violência e atos de intolerância? Quais os grupos que mais sofrem determinado tipo de violência e por quê?

Outra questão fundamental é levantada pelo conceito de *interseccionalidade*, isto é:

“uma perspectiva de análise que leva em consideração vários planos ou eixos de vulnerabilidade – violência, desigualdade, discriminação -, como gênero, raça, idade, sexualidade, classe, em que indivíduos ou grupos se enquadram de forma simultânea. Corresponde, portanto, aos pontos de cruzamento desses planos, às intersecções desses diferentes fatores que, ao se sobrepor, intensificam as desvantagens sociais. A interseccionalidade permite verificar a complexidade das situações vivenciadas por indivíduos e grupos, estabelecendo melhores possibilidades de reversão do quadro”.¹⁵

Complementar às seções *Gênero* e *Raça/etnia*, esta seção trata da empatia, do respeito, do acolhimento, mas também da construção da equidade e da prevenção de violências. As atividades buscaram construir com crianças e adolescentes participantes a promoção do respeito, o conhecimento sobre diferentes culturas, mas também refletir sobre o ato de rotular as pessoas, sobre o se “colocar no lugar do outro” e quais as consequências de processos de exclusão, desvalorização ou discriminação.

14. *Educar na diversidade: material de formação docente*. 3. ed. / edição do material Cynthia Duk. – Brasília: [MEC, SEESP], 2006, p. 60.

15. *A cor da cultura – Modos de fazer, cadernos de atividades, saberes e fazeres*, p. 126.

ATIVIDADE 1

Resumo da semana

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Promoção do respeito à diversidade.
OBJETIVO:	Identificar as notícias do nosso cotidiano que falem sobre intolerância à diversidade, seja sexual, racial ou religiosa.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 13 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Notícias pesquisadas em jornais, revistas, televisão, internet; papel ou cartolina, cola, tesouras.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É preciso que as/os alunas/os pesquisem previamente a respeito das notícias da semana para que possam ser discutidas em sala. O/a facilitador/a pode dar dicas para as pesquisas, indicando noticiários, jornais e até mesmo sites na internet, mas é importante que a turma traga as notícias, estimulada pelo seu próprio senso crítico de pertinência ou não das matérias escolhidas.
PROCEDIMENTO:	Peça para que as/os alunas/os assistam, leiam, pesquisem sobre as notícias da semana por diferentes meios de comunicação e selecionem algumas. Reforce que as notícias selecionadas sejam referentes à intolerância e ao desrespeito às diversidades. Faça um mural com as notícias trazidas e as leia junto com a turma. Promova uma roda de conversa, utilizando as notícias como ponto de partida. Perguntas para discussão: – Foi fácil achar notícias sobre esse tema? – Esse tipo de notícia é comum? – Como foi ler essas matérias? – O que mais te surpreendeu? – A gente se acostuma com esse tipo de notícia? Por quê? – Por que acha que os fatos noticiados acontecem? – Quais os grupos que foram vítimas de violência ou intolerância? Por quê? – O que acha que contribuiria para termos mais respeito entre os diferentes grupos?

ATIVIDADE 1

Resumo da semana [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: As notícias que chegam até as pessoas pelos meios de comunicação são potentes para gerar discussões sobre os mais variados temas, mas, muitas vezes, precisam ser problematizadas. Além do debate sobre os casos de intolerância em si, é importante falar sobre a naturalização dos casos apresentados, devido à frequência em que eles acontecem, e a forma como esses assuntos são abordados na mídia.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Para mais informações e publicações sobre o tema e fazer um contraponto a algumas notícias, você pode acessar as páginas eletrônicas:

- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI
<http://portal.mec.gov.br/secaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/apresentacao>
- Escola de Gente – Comunicação em Inclusão
www.escoladegente.org.br
- Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR
www.seppir.gov.br



ATIVIDADE 2

Casos de família

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Promoção do respeito à diversidade.
OBJETIVOS:	Promover a empatia com pessoas de diversas realidades a fim de promover o respeito e discutir sobre preconceitos e estigmas ¹⁶ sociais.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora (podendo se estender de acordo com o número de personagens).
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Sala com cadeiras, tiras da Folha de apoio.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Ao realizar essa atividade, é importante que o/a facilitador/a não exponha suas opiniões e seus valores, restringindo-se apenas à mediação do debate, por meio de perguntas que ajudem a turma a refletir sobre preconceitos e estereótipos contra determinados grupos. Caso haja necessidade, adicione perfis que estejam mais presentes no contexto onde a atividade é realizada. ¹⁷
PROCEDIMENTO:	Distribua os perfis dos personagens (Folha de apoio) para cada aluna/o e peça que criem uma história partindo da característica da personagem que lhe foi entregue. Escolha um/a aluna/o por vez para ser “entrevistada/o” e informe que o restante da turma será a plateia do programa. Com uma apresentação breve da/o aluna/o sobre a “história” daquela personagem, abra para perguntas da plateia sobre a vida do/a entrevistada/o. Faça a atividade com alguns personagens entrevistados e depois problematize, na roda de conversa, as questões que surgiram durante a “entrevista”. Perguntas para a discussão: – Vocês conhecem alguém que enfrente essas questões na vida real? – Como foi para você viver esse personagem? Como se sentiu? – Que outros personagens poderiam ter sido incluídos nessa atividade? Por quê? – Acha que as diferenças são respeitadas? – Como lidamos com as pessoas que são diferentes de nós? Por que, às vezes, algumas pessoas lidam com pessoas diferentes delas de forma violenta?

16. “De origem grega, o termo significa marca, sinal, mancha. Erving Goffman conceitua estigma como atributos reconhecidos como negativos e utilizados para classificar e desqualificar indivíduos ou grupos. Sexo, sexualidade, cor da pele, deficiência física e religiosidade, que diferem daquilo que determinada sociedade classifica de “normal”, são estigmas sociais”. Fonte: *Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres*/ [org. Ana Paula Brandão]. – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. [A cor da cultura; v.4], p. 120.

17. O/a facilitador/a pode ver outros exemplos de personagens na atividade “Diversidade e direitos: eu e os outros”, no Manual H – Trabalhando com Homens Jovens, de Promundo e parceiros. Disponível em: <http://promundo.org.br/recursos/manual-h-trabalhando-com-homens-jovens/>

ATIVIDADE 2

Casos de família [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Com essa atividade é provável que surjam muitas falas preconceituosas, carregadas de estigmas. O/a facilitador/a precisa estar atenta/o para questionar esses preconceitos naturalizados e sempre tentar desconstruir conceitos rígidos e opressores de determinados grupos.

MATERIAIS RECOMENDADOS: A matéria e os filmes indicados a seguir tratam de histórias de alguns grupos marginalizados socialmente e podem contribuir para a abordagem de alguns estigmas atribuídos a esses grupos.

- **Matéria:**
“Prazer, meu nome é Reginaldo, não cracudo”, disponível em:
<http://redesdamare.org.br/blog/noticias/prazer-meu-nome-e-reginaldo-nao-cracudo/>
- **Filmes:**
 - Juno (2007), classificação indicativa: 10 anos
 - O amor é cego (2001), classificação indicativa: livre
 - Minhas mães e meu pai (2010), classificação indicativa: 16 anos
 - Toda forma de amor (2010), classificação indicativa: 12 anos
 - A procura da felicidade (2006), classificação indicativa: livre

FOLHA DE APOIO: PERSONAGENS

- Sou usuário de crack
 - Sou mãe solteira e tenho 10 filhos
 - Sou garoto de programa
 - Sou adolescente e estou grávida
 - Tenho problemas com meu peso
 - Sou transexual e gostaria de adotar um bebê
 - Sou pai e cuido dos meus filhos
 - Tive relações sexuais com outro homem, mas não sou gay
 - Meu pai está na cadeia
-

ATIVIDADE 3

Travessia paralímpica

CONTEÚDO:	Educação física adaptada.
SUBTEMA:	Promoção do respeito à diversidade.
OBJETIVOS:	Refletir sobre acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência no dia a dia e vivenciar situações na perspectiva de pessoas com deficiência.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 8 anos.
DURAÇÃO:	30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Cones, apito, coletes, venda (tecido para vender os olhos), atadura, arcos, blocos, cordas, bancos e outros a critério do/a professor/a.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a professor/a deverá montar o circuito de acordo com os materiais que possui.
PROCEDIMENTO:	As/os alunas/os serão divididas/os em quatro grupos e cada um representará um grupo de pessoas com deficiência: visual, auditiva, motora e de fala. O objetivo é que todas/os atravessem a pista de obstáculos chegando ao destino final. Perguntas para discussão: – Qual foi a proposta dessa atividade? – Como foi vivenciar essas situações? Houve dificuldades? Se sim, quais foram? – Quais as condições que as pessoas com deficiência enfrentam no cotidiano? São as mesmas para todas as deficiências? Em quais espaços há mais dificuldades? – Como acreditam que os espaços poderiam se tornar mais acessíveis? – Poderia citar algum direito das pessoas com deficiência?
REFLEXÃO:	Quando todas/os tiverem completado a pista de obstáculos, o/a professor/a deverá reunir o grupo e perguntar sobre as dificuldades encontradas para realizar a atividade. Em seguida, contextualize a discussão sobre as condições que a pessoa com deficiência enfrenta no seu cotidiano. O/a professor/a deverá ressaltar que a acessibilidade é um direito de todas/os, garantido pela Constituição Federal Brasileira de 1988.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Para informações sobre políticas inclusivas e acessibilidade, você pode consultar os sites: • Deficiente Ciente (www.deficienteciente.com.br) • Comitê Paralímpico Brasileiro (www.cpb.org.br) • Escola de Gente – Comunicação em Inclusão (www.escoladegente.org.br) • Na página da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, é possível ler a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, para conhecer direitos, políticas públicas e sua efetivação no país (www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/node)

ATIVIDADE 4

Jogo da cidade

CONTEÚDO:	Matemática.
SUBTEMA:	Promoção do respeito à diversidade.
OBJETIVOS:	Proporcionar a troca de papéis para valorização da diversidade e promoção da empatia, debater os direitos de cidadania e colocar em questão o raciocínio matemático para administrar finanças.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 9 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Espaço grande para a atividade, cartões com perfis dos personagens (gênero, composição familiar, profissão, renda e missões a serem cumpridas, ex: compra no mercado, pagamento de aluguel etc...), notas falsas de dinheiro, embalagens vazias de produtos de supermercado, farmácias e bazar, contas e boletos a serem pagos (dentro de cada envelope de perfil deve haver boletos e contas estabelecidas a partir do padrão de consumo do personagem, que pode ser definido pelo grupo ou pelo/a educador/a), tickets de pacotes de lazer (custo de uma ida à praia para uma família, ingresso no cinema com meia entrada, etc).
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Por se tratar de uma atividade com um nível de complexidade alta, é recomendado ter mais de um/a educador/a para conduzi-la. Além do trabalho com conteúdos de matemática, podemos trabalhar direitos da/o cidadã/cidadão no cotidiano, como ida ao banco (no caso de um personagem idoso, deficiente, gestante ou lactante), os direitos de estudantes, direitos trabalhistas e uma série de outras situações a partir do personagem criado.
PROCEDIMENTO:	Receba o grupo e explique o jogo. Em seguida, sorteie a posição de cada um dentro da cidade, distribua as missões (atividades) de cada personagem e deixe as crianças cumprirem as tarefas. No meio do jogo, chame a atenção das crianças para pegarem a continuação das missões (dentro da história de continuação pode ter um imprevisto, por exemplo, um caso de doença de um familiar e o jogo tomar um outro rumo, fazendo que a criança tenha que comprar remédio). No final, reúna o grupo e troque impressões sobre as vivências de cada um e faça uma mediação das questões que surgirem. Perguntas para discussão: – Como é estar no lugar do outro? O que sentiu? Quais as dificuldades? – De quais direitos estamos tratando nesta atividade? De quais grupos? – Os direitos desses grupos são respeitados? Como acontece no dia a dia? – Eu respeito os direitos desses grupos? – O que fazer quando nossos direitos ou de determinados grupos não são respeitados? – O que aprenderam com a atividade?

ATIVIDADE 4

Jogo da cidade [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Durante a atividade surgem questões ligadas à sensação de sentir/se colocar no lugar do outro, além de situações relativas a machismo, divisões de papéis, consumismo, economia doméstica, direito à gratuidade, prioridade e benefícios da meia-entrada para determinados perfis, etc.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Alguns jogos podem inspirar a criação de perfis e situações, como o jogo “Em seu lugar” (disponível em: <http://promundo.org.br/recursos/em-seu-lugar/>), Banco imobiliário, Jogo da vida, Monopoly, entre outros. Para discutir a questão do consumo e da publicidade dirigida a crianças, você pode consultar também o programa “Criança e consumo” do Instituto Alana (<http://alana.org.br/>).

ATIVIDADE 5

Lugar seguro

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Promoção do respeito à diversidade.
OBJETIVOS:	Estimular a empatia e refletir sobre diversidade e respeito.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Folha A4, canetas.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Os personagens podem ser adaptados de acordo com o contexto em que a atividade se realiza. O/a facilitador/a pode incluir perfis de difícil aceitação pelo grupo.
PROCEDIMENTO:	Divida as/os alunas/os em grupos de 4 integrantes e diga: “Em breve haverá uma explosão que irá destruir todo o planeta, porém haverá um ‘lugar seguro’, que não será atingido. Esse local tem a capacidade de abrigar até 6 pessoas. Essas pessoas escolhidas para o abrigo terão a missão de construir um novo mundo.” Após a leitura, entregue às/aos participantes a lista de perfis, que contém os personagens a serem escolhidos (Folha de apoio). Peça para que os grupos selecionem dentre as possibilidades encontradas na lista de perfis, 6 pessoas que, segundo os critérios discutidos em grupo, irão dar “continuidade ao mundo”. Ao fazerem suas escolhas em grupo, as/os participantes terão que apresentar suas justificativas para o restante da turma. Perguntas para discussão: – Quais sentimentos surgiram com essa atividade? – Em que se basearam para a escolha dos personagens que seriam levados para o abrigo? – Houve dificuldades de construir o consenso? Quais foram elas? Por quê? – Como contornaram essas dificuldades? – Quem vocês deixaram de fora e por quê? – Quem pode fazer um novo mundo? O que é importante para construí-lo?

ATIVIDADE 5

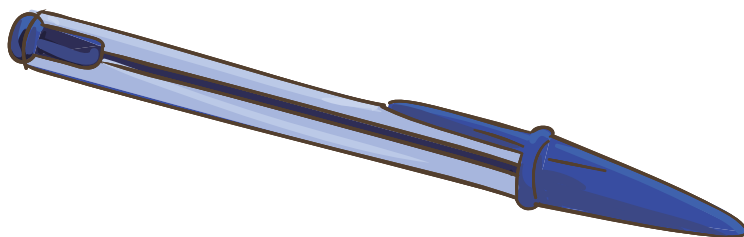
Lugar seguro [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Um dos pontos importantes para a discussão é pensar na dificuldade de se chegar a um consenso nas escolhas dos personagens a serem salvos, pois é preciso ouvir e respeitar as opiniões do grupo. Na discussão, reflita também quais valores foram utilizados para a escolha e como nossos valores são construídos em um contexto cultural e a partir das nossas experiências durante a vida. Aprofunde a discussão sobre como o contexto social, econômico, político e cultural influencia nossos valores e nossas escolhas e decisões, embora sempre possamos mudar e fazer escolhas diferentes.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Filme “De volta para o presente” (1999), classificação indicativa: 14 anos.

FOLHA DE APOIO: CONSTRUIREI UM NOVO MUNDO COM:

- Uma jovem cadeirante
 - Uma garota de programa
 - Um jovem viciado em drogas
 - Um transexual
 - Um universitário negro
 - Um médico com depressão
 - Um professor com 26 anos, bonito, simpático e instruído
 - A esposa do professor, com 25 anos, que é soropositiva. Ambos preferem ficar juntos no lugar seguro ou fora dele
 - Uma criança de 5 anos de idade
 - Um jovem muito tímido e introspectivo
 - Um senhor de 70 anos de idade
 - Um ex-presidiário
-



ATIVIDADE 6

Minha origem

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Diversidade cultural e regional.
OBJETIVOS:	Estimular entre as/os alunas/os a curiosidade e a valorização de sua origem e despertar um olhar para a riqueza cultural da localidade partindo das histórias de cada um/a.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 8 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Folhas, canetas.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Para que a atividade seja realizada na roda de conversa é preciso que a turma faça, previamente, uma pesquisa sobre a história de sua família. Existirão casos em que a “Árvore genealógica cultural” ficará incompleta pela falta de informações sobre alguns familiares ou até mesmo a exclusão por motivos emocionais. Contorne essas questões ressaltando a importância das pessoas presentes na árvore da/o aluna/o.
PROCEDIMENTO:	Com antecedência à roda de conversa, peça para que a turma pergunte a pais, mães, tias/os, avós ou outras pessoas de referência sobre o local de nascimento dos membros da sua família, completando uma espécie de árvore genealógica. O importante é conter na pesquisa os nomes dos familiares, o grau de parentesco e o lugar onde cada um nasceu (país ou estado). Após a realização da pesquisa, peça para que as/os alunas/os apresentem para o grupo suas descobertas, frisando a variedade de locais de nascimento da família tanto materna quanto paterna. Perguntas para discussão: – Houve dificuldades em levantar esses dados? Quais foram? – Quando seus familiares estavam dando essas informações contaram alguma história que você tenha achado interessante? Gostaria de compartilhar com a turma? – Descobriram coisas que não sabiam em relação à sua família? – E em relação ao grupo de colegas? – O que é diversidade para você? Acha que podemos aprender com a diversidade? Dê exemplos.

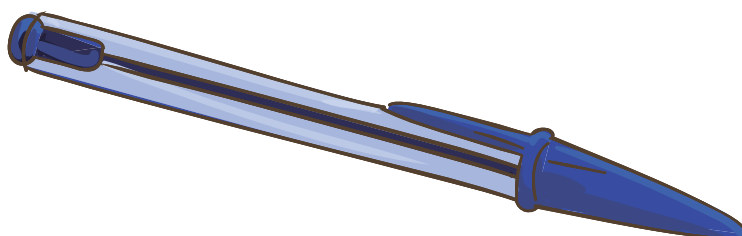
ATIVIDADE 6

Minha origem [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Com a apresentação dos dados colhidos, faça uma reflexão a respeito da diversidade de locais de nascimento e a mistura de origens que “nos formam”, pois, em muitas situações e localidades, é comum haver preconceitos regionais, utilizando os estados de origem (e naturalidades) como forma de insulto. Com a pesquisa, tem-se a chance de ressaltar que o interessante é a pluralidade e que somos formados e enriquecidos por ela. Dependendo do contexto, pode ser que não haja muita “mistura” na origem das famílias. Se for esse o caso, a problematização pode ter outro rumo, por exemplo, a utilização dessa atividade para introduzir estudos sobre as regiões do Brasil, com o intuito de promover mais respeito à diversidade cultural.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Para apoiar esta atividade, você pode assistir ou exibir, entre outros, os seguintes filmes:

- Gonzaga – De Pai pra Filho (2012), classificação indicativa: 12 anos
- Território do Brincar (2015), classificação indicativa: livre
- Tainá - Uma Aventura na Amazônia (2000), classificação indicativa: livre
- Mensageiras da Luz – Parteiras da Amazônia (2003), classificação indicativa: 12 anos
- A guerra de Canudos (1997), classificação indicativa: 14 anos



ATIVIDADE 7

Contos do mundo

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Diversidade cultural e regional.
OBJETIVO:	Apresentar o gênero textual “conto” e a diversidade cultural que ele engloba na literatura de cada país.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 9 anos.
DURAÇÃO:	2 encontros com 1 hora cada.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Lápis, papel, mapa <i>mundi</i> , contos de vários continentes..
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a educador/a vai precisar pesquisar contos de todos os continentes; quanto mais diversificado, melhor. Pode também direcionar a pesquisa de contos para tratar de questões específicas (moedas, idiomas, cidades, características da população, continente, entre outras), pensando em utilizar os dados para outras aulas.
PROCEDIMENTO:	Receba a turma e a divida em grupos. Distribua os contos para cada grupo e peça que faça a leitura buscando reconhecer a origem do texto. Depois, cada grupo deverá contar o conto para a turma e tentar falar de qual país ele vem. Solicite que as/os participantes façam uma pesquisa sobre o país do conto para apresentar no encontro seguinte. As perguntas abaixo dão algumas sugestões para a discussão, mas podem ser mais específicas de acordo com os contos escolhidos para a leitura da turma. Perguntas para discussão: – Quais as características do gênero textual “conto”? – De que trata o conto que o grupo leu? – Como fez a associação entre o país e o conto? – O que aprendeu sobre o lugar ou o povo de que trata o conto? – Há semelhanças e diferenças em relação ao Brasil?
REFLEXÃO:	A partir desta atividade, o/a educador/a deve explorar e valorizar a diversidade de povos e culturas do mundo, problematizando práticas e ideias que inferiorizam algum grupo ou país ou o reduzem a apenas um estereótipo ou problema (por exemplo, matérias jornalísticas ou livros que tratam a África como um continente apenas de pobreza ou guerras tribais). Também é possível conduzir a atividade para outras disciplinas. Na matemática, pode-se tratar de assuntos como moedas e câmbio.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Entre outros livros de contos de diversos países, mencionamos: “Volta ao mundo dos contos nas asas de um pássaro”. Gendrin, Catherine (2007) e “Contos africanos dos países de língua portuguesa” da coleção Para gostar de ler. Ed. Ática (2009).



RAÇA E ETNIA¹⁸

Nos últimos anos, muitas iniciativas vêm sendo realizadas no Brasil a fim de valorizar a diversidade cultural e étnica do país e oferecer uma resposta a processos seculares de “silenciamento” e inferiorização da cultura negra e afro-brasileira. Uma dessas iniciativas é a Lei nº 10.639 de 2003, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira no ensino fundamental e médio nas escolas públicas e privadas. Abordar e valorizar a diversidade da população brasileira é reconhecer as belezas, as riquezas e o potencial de cada menina e menino participantes de nossas atividades.

O objetivo de uma discussão sobre raça/etnia também é problematizar formas de violência, como o preconceito e a discriminação racial, que atingem, de diferentes formas e intensidades, nossas/os meninas/os negras/os.

De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial (Brasil, 2010), discriminação racial ou étnico-racial refere-se a:

toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

Embora não se possa falar em “raças humanas”, desde o século XIX, teorias que dividiam sociedades e grupos humanos a partir do conceito equivocado de raça ganharam força. Esse processo de “racialização” (isto é, que afirmava que as diferenças biológicas existentes entre a espécie humana eram significativas o suficiente para classificar cada grupo étnico em “raças” distintas) deu origem a um sistema de hierarquização de alguns grupos (brancos) sobre outros (não brancos). Esse sistema é o racismo.

Assim, de acordo com Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, raça não diz respeito a um dado biológico, mas trata-se de “construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (1999, p.153)¹⁹.

É importante também pensar como as desigualdades baseadas no racismo são pouco admitidas no Brasil. No geral, o país é considerado como “mestiço” e pacífico, onde convivem bem todas as classes sociais e raças. Se fizermos um olhar para a história, no entanto, vamos perceber quantas violências atravessaram o tempo afetando de forma trágica a grupos étnico-raciais não brancos: a dizimação das populações indígenas, o processo de colonização, a diáspora africana e a escravidão negra (que foram responsáveis pela morte de milhares de pessoas), a distribuição desigual de políticas públicas e acesso a bens simbólicos (representação nos meios de comunicação e nos espaços culturais), entre outros exemplos.

18. Seção escrita em colaboração com Letícia Serafim [Equipe Promundo - Brasil].

19. GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Raça e os estudos de relações raciais no Brasil*. In: SOBRAL, F. F.; PORTO, M. S. G. [Orgs.]. *Contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica*. 1a. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001, p. 217-236.

O mito da democracia racial

Entre as décadas de 1930 e 1950, foi desenvolvida no Brasil a teoria da “democracia racial”, que sugeria que o povo brasileiro tratava as diferenças de forma cordial e harmoniosa, não existindo, dessa forma, preconceitos ou discriminação de raça ou cor. Essa ideia ganhou força com o livro *Casa Grande e senzala* (1933), no qual Gilberto Freire faz uma análise das relações raciais no Brasil, encarando como harmoniosas e cordiais as relações afetivas e sexuais entre negros e brancos.

Até então, não era incomum considerar a miscigenação como um fator de “subdesenvolvimento” e “degeneração”, causadora de uma população “inferior”, “preguiçosa”, “atrasada” e “apática”. Já o mito da democracia racial falava da miscigenação entre negros e brancos como uma característica positiva. No entanto, essa visão esconde um aspecto bastante grave da miscigenação no Brasil: relações sexuais forçadas, ou seja, estupros bastante recorrentes cometidos por senhores de engenho contra mulheres negras escravizadas.

Mas com esse mito se consolida ideia de cordialidade do povo brasileiro no que se refere às relações raciais como uma importante característica da nossa cultura, assim como a miscigenação seria a responsável por nossa maior riqueza: a diversidade. Essas leituras do Brasil, no entanto, ajudaram a consolidar uma ideia equivocada, que esconde por baixo dessa falsa cordialidade, as profundas diferenças existentes entre brancos e negros ao longo da história do país.

Apesar disso, essa suposta inexistência de racismo sempre conviveu com outros discursos que trataram de assegurar um lugar de inferioridade para a população negra: pesquisas “científicas”, piadas, ditados populares, xingamentos e práticas cotidianas demarcaram uma cor de pele considerada “feia”, “suja”, “pecaminosa” relacionada a uma personalidade “criminosa”, “vadia”, “dada aos vícios”, entre outros. Mesmo alguns estereótipos considerados “positivos” (relacionados ao corpo e à sexualidade) contribuíram, como todo estereótipo, para a cristalização de um lugar de “objeto”, de “outro” para a população negra.

Diferentemente de outros países, como os Estados Unidos e a África do Sul, no Brasil não houve o *apartheid*, discriminação racial apoiada por uma legislação que segregava oficialmente um grupo social ou étnico, no caso a população negra. Mas não se pode mais negar que temos um *apartheid* dissimulado, que limita com cercas invisíveis os espaços em que é conveniente ao negro circular e as relações sociais que pode estabelecer. As práticas de discriminação racial estão presentes nas mais corriqueiras situações, desde a indicação do elevador de serviço, as piadas de desvalorização da estética negra, ditados racistas como “negro de alma branca”, até os mecanismos que dificultam o acesso e permanência dos negros ao sistema de ensino e, conseqüentemente, às mesmas profissões de prestígio e ao mesmo *status* social da população branca.

O mito da democracia racial só começou a ser desconstruído no final do século XX devido à pressão e mobilização do movimento negro brasileiro que denunciou a existência explícita e mascarada do racismo na sociedade, exigindo reparação sobre séculos de opressão vivida por essa população.

Educação para a diversidade

As crianças negras tendem a incorporar os estereótipos e preconceitos vivenciados, resultando na negação de suas raízes²⁰. É preciso valorizar a cultura e a estética negras visando à superação desse quadro, fazendo com que essas crianças reforcem o orgulho sobre sua origem e crianças brancas não incorporem sentimentos de superioridade e de preconceito em relação às crianças negras. O termo diversidade não pode ser entendido apenas como o reconhecimento da existência de grupos culturais e étnico-raciais distintos, deve ser compreendido no âmbito das relações de poder existentes entre esses grupos e à luz das desigualdades sociais. Ou seja, reconhecer e valorizar as diferenças é necessário, mas é fundamental explicitar que essas diferenças muitas vezes são justificativas para que alguns tenham privilégios e outros não.

A educação para a diversidade precisa estar comprometida com a construção de consciência crítica dos envolvidos sobre a realidade em que estão inseridos e sobre as diferentes formas de opressão e desigualdade que os diferentes grupos etnicorraciais estão submetidos. Paulo Freire afirma que o caminho pelo qual se chega à consciência crítica da realidade, à libertação, mais do que pseudoparticipação, deve ser pelo engajamento (reflexão e ação)²¹. A educação para a diversidade passa também pela valorização da cultura negra, historicamente negligenciada e pelo empoderamento da identidade negra. Para Nilma Lino Gomes, “ser negro é afirmar-se negro, no Brasil, não se limita à cor da pele. É uma postura política.” (2002, p. 39)²².

O racismo passou a ser um tema-chave das oficinas educativas durante o andamento do *Praticando Esporte, Vencendo na Vida*, uma vez que as/os participantes constantemente traziam situações de racismo vividas por elas/eles ou por conhecidos. Para completar a abordagem das oficinas, o Promundo elaborou com crianças e adolescentes uma campanha comunitária que teve como

objetivo enfrentar as desigualdades de gênero e raça nas comunidades integrantes do projeto. “**Eu acredito!**” é uma campanha sobre a valorização do potencial de adolescentes e jovens serem agentes de transformação social. Além de discutir com o grupo as diversas formas de opressão a que estão submetidos, a proposta da campanha foi instrumentalizar agentes e jovens para que sejam multiplicadores e referências positivas para outras/os jovens nas suas comunidades, estimulando seu protagonismo, autoestima e consciência crítica. Entre os *slogans* da campanha foram criadas as mensagens: “Eu acredito em um mundo livre de racismo” e “Eu acredito no valor da cultura negra”²³.

As atividades desta seção têm como foco a valorização da cultura afro-brasileira e a discussão sobre imaginário social que retrata homens e mulheres negros/as a partir de estereótipos e visões preconceituosas. As atividades chamam a atenção também para a naturalização de determinadas práticas, como piadas, ditados populares/frases feitas e para a ausência de representação da população negra na mídia e em outros espaços de poder. A importância de se ver representada/o positivamente, a reflexão crítica sobre as histórias, origens e localidades que valorizamos ou desvalorizamos e o respeito ao contexto, às vivências e realidades da própria turma para o fortalecimento das diferentes identidades também são tema desta seção. As atividades podem ser complementares às apresentadas na seção *Diversidades* e também pela atividade *Pessoas e coisas*.

20. Veja o vídeo “Boneca negra”: <http://www.youtube.com/watch?v=CrKylSFnwGE>

21. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

22. GOMES, Nilma Lino. *Educação e Identidade Negra*. In Aletria – revista de estudos da literatura. Alteridades em questão. Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n.9, dez/2002, p. 38-47.

23. Na atividade “Paródia”, p. 64, está disponível um dos raps elaborados pelos jovens na campanha.

ATIVIDADE 1

Bingo de palavras africanas no vocabulário brasileiro

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Heranças africanas.
OBJETIVOS:	Abordar e valorizar a influência africana no vocabulário brasileiro através de jogos.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 6 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Fichas de bingo com palavras africanas utilizadas no Brasil, pedaços de jornais (para brincadeira de bingo).
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a educador/a pode realizar uma aula de jogos. A atividade é ótima para grupos heterogêneos.
PROCEDIMENTO:	Antes da atividade, o/a educador/a precisa fazer diversas cartelas com palavras de origem africana, ex.: bagunça, moleque, xequê, pipoca (Veja Folha de Apoio desta atividade). Outra opção é construir a cartela com o grupo. Se a turma vier de um trabalho contínuo sobre literatura africana, ela mesma poderá propor palavras e cada criança construir sua cartela. Se for assim, o/a educador/a pode anotar as palavras propostas para sorteio. Distribua as cartelas, explique a brincadeira de bingo e fale sobre o tema das palavras. Sorteie cada palavra e peça às crianças para marcarem em suas cartelas as palavras sorteadas. A marcação poderá ser feita a lápis, bolinhas de papel, sementes etc... Durante o sorteio, pergunte a turma sobre o significado de cada palavra sorteadas. No final da oficina, o/a educador/a pode criar junto com a turma um glossário de palavras africanas e colocar em exposição na sala. Também pode criar oportunidades para construir debates sobre a diversidade cultural da África, destacando os diferentes países, povos, línguas, musicalidades, religiosidades etc. Perguntas para discussão: – Vocês sabiam que essas palavras tinham origem na África? – Conhecem outras palavras de origem africana? – Quais as informações sobre a África que nos chegam? O que já ouviram? – Por que não temos mais informações sobre a África?
REFLEXÃO:	O/a educador/a também pode utilizar outros jogos para a atividade sobre as palavras, como jogo da memória ou mímica. É interessante observar a reação das crianças ao descobrirem que existem palavras oriundas de diversas localizações do mundo. Esta atividade pode ser relacionada àquelas da seção Diversidade, contribuindo para a valorização da cultura africana na formação e no cotidiano do Brasil. Também pode ser adaptadas para palavras de origem indígena.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	No site do projeto “A cor da cultura”, é possível acessar palavras de origem africana e também artigos para formação do/a educador/a: http://www.acordacultura.org.br/

ATIVIDADE 1

Bingo de palavras africanas no vocabulário brasileiro [CONT.]

FOLHA DE APOIO:	ACARAJÉ – Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos. ANGU – Massa de farinha de milho ou de mandioca. Angu-de-carço: Coisa complicada. AXÉ – Saudação; força vital e espiritual. BABÁ – Ama-seca; pessoa que cuida de crianças em geral; pai-de-santo; a origem é controvertida, sendo para alguns estudiosos originária do quimbundo e para outros, do idioma iorubá. BABACA – Tolo; boboca. BAGUNÇA – Baderna, desordem. BALANGANDÃS – Enfeites, originalmente de prata ou de ouro, usados em dias de festa. BAMBOLÊ – Aro de plástico ou metal usado como brinquedo. BANGUELA – Desdentado. Os escravos trazidos do porto de Benguela, em Angola, costumavam limar ou arrancar os dentes superiores. BAOBÁ – Árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos. BATUQUE – Dança com sapateado e palmas, com som de instrumentos de percussão. É uma variante das rodas de capoeira, praticada pelos negros trazidos de Angola para o interior da Bahia. No sul do Brasil, é sinônimo de rituais religiosos e, no interior do Pará, é uma espécie de samba. BERIMBAU – Instrumento musical, composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta, tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância. BUNDA – Nádegas, na língua falada pelos bundos de Angola. CAÇAMBA – Balde para tirar água de um poço; local onde se depositam detritos. CAÇULA – O mais novo. CACUNDA – Corcunda. Corcova. Costas. CAFOFO – Lugar que serve para guardar objetos usados; nos dias atuais, serve também para designar moradia pequena, mas aconchegante.	CAFUNDÓ – Lugar afastado, de acesso difícil. CAFUNÉ – Coçar a cabeça de alguém. CANGA – Tecido com que se envolve o corpo. Peça de madeira colocada no lombo dos animais. CANJERÊ – Feitiço, mandinga. CANJICA – Papa de milho verde ralado. CAXANGÁ – Jogo praticado em círculo. Os versos de uma velha cantiga, baseada nessa brincadeira, são bem populares. CAXIXÍ – Chocalho pequeno feito de palha. CAXUMBA – Inflamação das glândulas salivares. COCHILAR – Breve soneca. Sono leve. CUÍCA – Instrumento musical que emite um ronco peculiar. DENDÊ – Fruto de uma palmeira (dendezeiro), de onde é extraído o azeite. DENGO – Gesto de carinho. Manha, birra. DENGOSO – Manhoso. Chorão. ENGABELAR – Enganar. Iludir jeitosamente. Trapacear. Engodo. Embuste. ESCANGALHAR – Desordem. Confusão. Desmantelo. Dano causado por estrago. FAROFA – Mistura de farinha com água, azeite ou gordura. FOFOCA – Intriga. Mexerico FUÁ – Briga. Rolo. Desordem. Intriga. Diz-se também do equino arisco. FUBÁ – Farinha de milho. FULEIRO – Reles. Ordinário. Sem Valor. Farrista. FUXICO – Falar mal dos outros. Artesanato popular feito com pedaços de panos. Costurar superficialmente. Alinhavar. Amarrotar. FUZUÊ – Festa. Confusão. Turbilhão nas águas de um rio. GANDAIA – Farra. Bagunça. Vadiagem. Ofício de trapeiro. Pessoa sem préstimo. Inerte. GANZÁ – Chocalho. GARAPA – Caldo da cana. Bebida formada pela mistura de mel-açúcar-água.
-----------------	--	--

ATIVIDADE 1

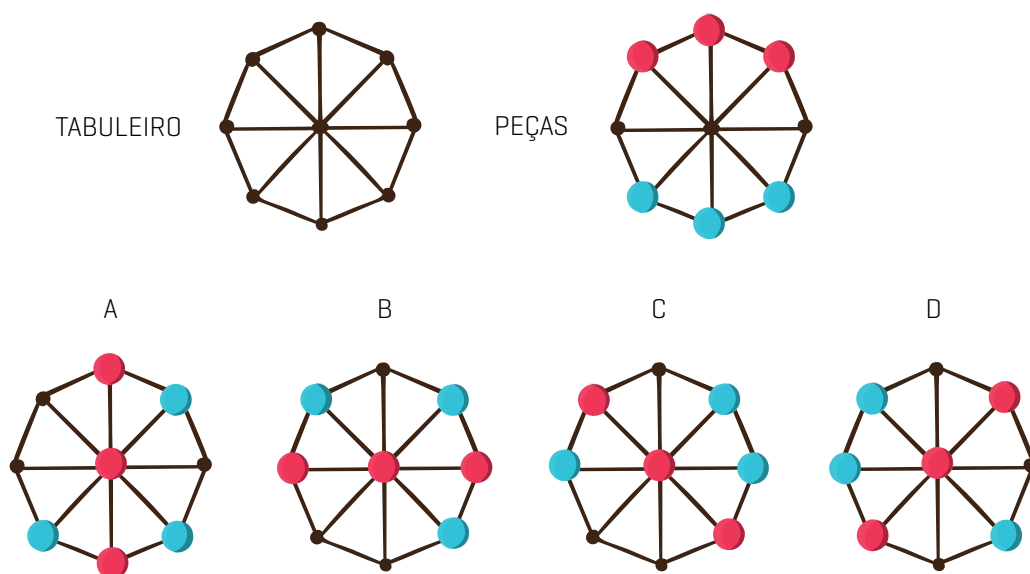
Bingo de palavras africanas no vocabulário brasileiro [CONT.]

FOLHA DE APOIO:	GERINGONÇA – Coisa malfeita e de duração precária. Objeto ou coisa estranhos cujo nome e finalidade não se conhece. GINGA – Movimento corporal na capoeira, na dança e no futebol. GOGÓ – Pomo-de-Adão. Garganta. Laringe GOROROBA – Comida feita com restos de diversos alimentos. Diz-se também do indivíduo lento, molengão ou covarde. INHAME – Designação comum de um tipo de tubérculo comestível menor que a mandioca; homem de corpo defeituoso. Coisa ou objeto disforme ou deformada. JABÁ – Suborno oferecido a programador de emissora de rádio ou televisão para que inclua na programação determinada obra musical. Certo tipo de abóbora. JONGO – Dança tradicional afro-brasileira. LAMBADA – Golpe dado com o chicote, tabica ou rebenque. Copo ou gole de bebida alcoólica. Dança de salão de origem amazônica. Significa bater, castigar, ferir, atingir com golpe ou pancada. LAMBANÇA – Desordem. Sujeira. Serviço malfeito. Embuste. Trapaça em conversa ou jogo. LENGA-LENGA – Conversa, narrativa ou discurso enfadonho. LERO-LERO – Conversa fiada. Palavreado vazio. MACUMBA – Nome pejorativo dado aos cultos afro-brasileiros. Audaz. Ousado. Certo tipo de reco-reco. Cada uma das filhas de santo nos terreiros de origem Banta. Antigo jogo de azar. MALUCO – Alienado mental. Endoidecido. MANHA – Choro infantil sem causa. Birra. Malícia. Ardil. Artimanha. Habilidade manual. MOCHILA – Alforge. Bornal que se leva às costas. NENÊ – Criança recém-nascida ou de poucos meses. Provém do Umbundo “nene”, que quer dizer pedacinho, cisco. ODARA – Bom. Bonito. Limpo. Branco. Alvo.	ORIXÁ – Divindade de religiões afro-brasileiras. Divindade secundária do culto jejênago, medianeira que transmite súplicas dos devotos; divindade desse culto; ídolo africano. PAMONHA – Certo tipo de iguaria derivada do milho. Diz-se também da pessoa molenga. Inerte. Desajeitada. Preguiçosa. Lenta. PATOTA – Turma. Grupo. QUENGO – Cabeça. Região próxima da nuca. QUIABO – Fruto de forma piramidal, verde e peludo. QUINDIM – Doce feito com a gema do ovo, coco e açúcar. Na Bahia, significa também meiguice, dengo, encanto, carinho. QUIZUMBA – Confusão. Briga. SAMBA – Dança cantada de origem africana de compasso binário (da língua de Luanda, semba = umbigada). Nome genérico de um ritmo de dança afro-brasileiro. SAPECA – Diz-se da criança muito arteira. SARAPATEL – Guisado feito com sangue e miúdos de certos animais, especialmente o porco. SARAVÁ – Palavra usada como saudação nos cultos afro-brasileiros, significa “salve”. SENZALA – alojamento dos escravos. SERELEPE – Vivo. Buliçoso. Astuto. Esperto. TAGARELA – Pessoa que fala muito e à toa. TANGA – Pano que cobre desde o ventre até as coxas. URUCUBACA – Azar. Má sorte. Diz-se também de uma praga rogada por pessoa inimiga. VATAPÁ – sm. Da culinária (comida), iguaria de origem africana, à base de peixe ou galinha, com camarão seco, amendoim etc., temperada com azeite de dendê e pimenta. ZABUMBA – Tambor grande. Bumbo. ZOEIRA – Conhece-se também por Azueira. Algazarra. Falatório. ZOMBAR – Tratar com descaso. Escarnecer. Gracejar. ZUNZUM – Boatos. Cochichos. Mexericos.
-----------------	--	--

ATIVIDADE 2

Shisima, um jogo africano

CONTEÚDO:	Educação Física – jogos de tabuleiro.
SUBTEMA:	Heranças africanas.
OBJETIVOS:	Estimular o raciocínio lógico, a concentração; valorizar e promover a cultura africana.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 8 anos.
DURAÇÃO:	40 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Tesoura, papel, canetinha e tampinha de garrafa pet.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O Shisima é um jogo de tabuleiro originário do Quênia. Para produzir o tabuleiro do jogo será preciso utilizar pedaço de papel de aproximadamente 20cmx20cm para desenhar um octógono de 15 cm de diâmetro. Também é possível fazer o desenho no solo. Tampinhas de garrafa pet podem ser utilizadas para confeccionar as peças e cada participante receberá três peças de cores iguais.
PROCEDIMENTO:	Para começar, as/os jogadoras/es tiram par ou ímpar. Na disposição inicial, as peças ficam no tabuleiro como indicado na figura 1 (abaixo). A/o jogador/a que iniciar a partida poderá movimentar sua peça pelo tabuleiro até a aresta mais próxima que estiver vazia, sem pular qualquer outra peça. O objetivo do jogo é posicionar as três peças alinhadas como se pode ver nas situações (a,b,c,d) nas quais o/a jogador/a com as peças vermelhas venceu as partidas. Se preferir, pode utilizar as perguntas para discussão da atividade “Bingo de palavras africanas no vocabulário brasileiro”.



ATIVIDADE 2

Shisima, um jogo africano [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Este jogo tem cunho transdisciplinar. É importante que o/a professor/a traga materiais e dados sobre o continente africano, apresente a riqueza da cultura africana e sua contribuição cultural para a formação da nossa sociedade. Incentive a pesquisa sobre outros jogos e bens culturais africanos.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Para outros materiais e jogos, consulte os sites do Portal do Professor (<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22256>) e do Laboratório de Ludicidade Africana e Afro-brasileira (<http://www.laabufpa.com>). No site do projeto “A cor da cultura”, é possível acessar de jogos de origem africana e também artigos para formação do/a educador/a: <http://www.acordacultura.org.br>

ATIVIDADE 3

Os cabelos

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Enfrentando o preconceito.
OBJETIVOS:	Questionar os padrões de beleza impostos aos cabelos, fortalecer a autoestima e trabalhar adjetivos.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 6 anos.
DURAÇÃO:	50 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Fotografias de pessoas com diversos tipos de cabelos, especialmente cabelos crespos, ou livros que trabalhem a temática do cabelo afro; cartolina; cola; canetinha; giz de cera; lã de diversas cores.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Deixe o material separado para o encontro. Se o/a educador/a preferir, também pode colocar as fotografias em exposição com um espaço para a turma criar legendas.
PROCEDIMENTO:	Comece a atividade com uma roda de elogio. Muitas crianças possuem dificuldade em tecer um elogio para o próximo. Mostre as fotografias de pessoas com cabelos afro e peça que cada um escreva uma frase para cada foto (a intenção é perceber qual parte da imagem chama a atenção da criança). Em seguida, trabalhe a leitura do livro “O cabelo de Lelé” ou apresente as fotografias e converse sobre os padrões estéticos para os cabelos. Proponha a criação coletiva de um cabelo afro em um cartaz e peça que cada aluno/a coloque uma palavra que defina o cabelo. Enquanto a turma escreve as palavras no cartaz, fale sobre o conceito de adjetivos. Perguntas para discussão: – Quais adjetivos usamos para falar dos nossos cabelos? Todos os tipos de cabelo recebem os mesmos elogios? Por que sim ou por que não? – Você acha seu cabelo bonito? – Quem tem o cabelo parecido com o nosso?

ATIVIDADE 3

Os cabelos [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: O trabalho sobre valorização da diversidade cultural e valorização de outros padrões estéticos torna-se indispensável especialmente para crianças, pois muitas situações de estigmas começam a partir da gozação com o cabelo que foge aos padrões estabelecidos de beleza.

Embora tenhamos o “mito das três raças” (negra, indígena e branca) como um dos constituintes da identidade da nação, na prática, o Brasil sempre se “voltou” para a Europa. Esse é um tema complexo porque tem a ver com nossa colonização, mas também com a postura das elites brancas brasileiras de se identificar com um povo que não era o nosso (veja na introdução dessa seção a discussão sobre miscigenação). Assim, o país sempre buscou referências, padrões de beleza, valores culturais, estilos de vida e conhecimentos na Europa e, desde meados do século XX, nos Estados Unidos também. Um pequeno exemplo: Se pudéssemos perguntar para qual país a maioria dos brasileiros deseja viajar ou conhecer hoje, com a certeza de que não vamos errar muito, podemos dizer que a maior parte das respostas irá mencionar algum país europeu e/ou os Estados Unidos.

Mas o que essa discussão tem a ver com a atividade sobre cabelo? Ao padrão de beleza, valores e todo um ideário estético europeu é atribuída uma superioridade em relação aos de outros continentes e povos. Assim, fomos influenciados, entre outros aspectos, em nossa concepção de beleza. Não que não achemos outras belezas fora desse padrão, mas, frequentemente, elas são consideradas “exóticas”, “diferentes”. Exóticas e diferentes em relação a quem?

No Brasil de hoje, muitas pessoas falam em “liberdade de opinião” e preferência, como se opiniões e preferências fossem “naturais” e não sofressem qualquer influência cultural. Por que “preferimos” o cabelo liso (e loiro)? Ou o nariz mais “fino”? Por que, para se referir ao cabelo afro, crespo ou muito cacheado, utilizamos a expressão “cabelo ruim”? Por que a beleza de homens e mulheres negros/as apenas recentemente está sendo valorizada e por quem? Por que, se a maioria da população se autodeclara negra ou parda, a maioria das/os artistas na televisão em novelas ou comerciais é branca?

Como também dissemos na introdução desta seção, esse quadro com que tratamos as questões referentes à raça/etnia pode fazer com que muitas crianças negras se sintam desvalorizadas, inferiorizadas ou pouco representadas, então um trabalho sobre a beleza nas diferenças é fundamental – para a autoestima, o respeito e o incentivo à empatia entre todas as crianças. É essa discussão sobre a valorização das múltiplas belezas de que esta atividade trata.

**MATERIAIS
RECOMENDADOS:**

Para trabalhar a questão dos cabelos afro, você pode fazer a leitura dos livros: “O cabelo de Lelê” (Valéria Belém); “Menina bonita do laço de fita” (Ana Maria Machado) e “As tranças de Bintou” (Sylviane A. Diouf). Para um grupo mais velho, você pode exibir o vídeo “Meu cabelo não é ruim/Poema crespo”, de Thiago Yuri, e falar sobre os usos/significados do termo “ruim”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=A0Y1bRc1GSo>

ATIVIDADE 4

Paródia

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Enfrentando o preconceito.
OBJETIVO:	Trabalhar o tema do racismo através de paródias.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 13 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Lápis, borracha, papel, letra da música a ser parodiada (“Rap da felicidade”) e jornais.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a educador/a pode utilizar a atividade para trabalhar outros temas com outras músicas.
PROCEDIMENTO:	Receba a turma e pergunte se conhecem a música “Rap da felicidade”. Coloque a letra da música e converse sobre o entendimento que possuem sobre a letra. Em seguida, proponha a criação de uma paródia sobre a temática racial. Nesta parte, o/a educador/a pode propor um assunto que esteja em pauta no momento, desde combate ao racismo ou, ainda, respeito à diversidade racial. A paródia pode ser feita individual ou coletivamente. No final da atividade, reserve um espaço para as apresentações, que podem ser lidas ou cantadas. É interessante trabalhar a partir de um ritmo ou música que esteja presente no universo da turma. Perguntas para discussão: – O que é o racismo para vocês? – Por que acham que o racismo acontece? – Já viveram ou presenciaram uma situação de racismo? Como foi? – Quais as consequências de uma situação de racismo? – O Brasil valoriza a cultura negra? – Como podemos combater o racismo?
REFLEXÃO:	O objetivo dessa atividade é sensibilizar e envolver a turma para o enfrentamento do racismo. As paródias podem ser criadas em um tom de crítica a práticas racistas do nosso dia-a-dia ou ainda reforçar questões ligadas à autoestima.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Música “Rap da Felicidade” (Cidinho e Doca).

EU ACREDITO!

Como uma das atividades da campanha “Eu acredito!”, que discutiu desigualdades de gênero e raça nas comunidades participantes do projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida*, um grupo de adolescentes criou a seguinte paródia:²⁴

*“Eu só quero é ser feliz,
poder curtir a praia do jeito
que eu sempre quis,
e poder entrar no mar,
sem ter medo da polícia
me barrar*

*a polícia é racista
e quer logo me prender
eles entram no buzão
e mandam a gente descer
pedindo o responsável
eu me sinto desrespeitado
senão eu sou detido
ai meu Deus, que crueldade!*

*Eu só quero é ser feliz,
poder curtir a praia do jeito
que eu sempre quis,
e poder entrar no mar,
sem ter medo da polícia
me barrar”*

24. Essa música refere-se a práticas racistas praticadas pela polícia como instituição, atuando de forma diferenciada em relação a determinados grupos.

ATIVIDADE 5

Reescrevendo a história em preto e branco

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Enfrentando o preconceito.
OBJETIVO:	Abordar o tema do racismo ao longo da história a partir de fotografias em preto e branco.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 10 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Lápis, borracha, papel e fotografias de pessoas negras desde a época do regime escravista até hoje em diferentes contextos e situações. Estas fotos podem ser apresentadas em slides ou impressas. Importante lembrar que as fotos precisam estar em preto e branco, assim sua identificação temporal fica mais difícil, o que contribui para a reflexão sobre os avanços e retrocessos do país em relação à vida da população negra.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É interessante utilizar fotografias de diversos momentos da história do nosso país e, principalmente, atuais. Pelo fato de as fotografias estarem em preto e branco, muitas crianças confundem cenas de hoje, muitas vezes bastante veiculadas e na mídia, como oriundas de outros séculos em função de situações de desigualdades que se perpetuam até hoje.
PROCEDIMENTO:	Receba a turma e peça que examinem algumas fotografias. Mostre foto por foto e pergunte se são antigas ou atuais. No final da análise, pergunte sobre o panorama da população negra no país. Essa conversa pode tomar diversos desdobramentos dependendo do nível de informação da turma. No final, peça que cada participante escolha uma fotografia e crie uma história para a mesma. Perguntas para discussão: – Quem são as pessoas retratadas nas fotos? Há diferenças nas situações envolvendo homens e mulheres? Que profissões imaginam para elas/eles? – De onde imaginam que essas fotos foram extraídas? – As condições de vida da população negra mudaram nos últimos anos? O que mudou e o que não? – A representação da mulher negra varia muito nessas fotografias (se forem fotografias de mulheres)? Que papéis estão sendo retratados? Mudou algo nos últimos anos?
REFLEXÃO:	Através da criação das histórias, podemos perceber se a/o educanda/o reforça os estigmas ou se caminha para um pensamento de desnaturalização do preconceito. No caso do reforço de estigmas, o/a educador/a pode pensar em mais atividades que visem ampliar o olhar sobre o tema como podemos encontrar neste guia. As fotografias também podem contribuir para uma discussão sobre como a história e a própria população negra foi e é retratada em livros didáticos, novelas e jornais e o que mudou (ou não) nos últimos anos sobre essa representação e, principalmente, sobre as condições de vida de maior parte desta população.

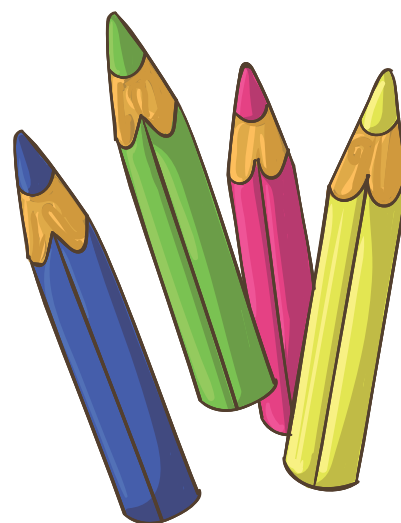
ATIVIDADE 5

Reescrevendo a história em preto e branco [CONTINUAÇÃO]**MATERIAIS
RECOMENDADOS:**

Muitos filmes têm tratado da temática racial, entre os quais:

- Amistad (1998), classificação indicativa: 12 anos
- Conduzindo Miss Daisy (1989), classificação indicativa: 14 anos
- A negação do Brasil (2000), classificação indicativa: 12 anos
- Mississippi em chamas (1989), classificação indicativa: 12 anos
- Vênus negra (2011), classificação indicativa: 16 anos
- Vista minha pele (2003), disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>
- Curta: Cores e botas.(2010), disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEygU0o>
- Web Série: Empoderadas

Para fotografias, você pode consultar alguns arquivos online como o do Instituto Moreira Sales (www.ims.com.br/ims/explore/acervo/fotografia) e o Arquivo de Imagens G. Ermakoff (www.ermakoff.com.br/banco), por exemplo. Algumas fotografias mais ou menos recentes são icônicas e geraram muita discussão à sua época: “Todos negros” (Luiz Morier, 1983), que está disponível em <http://historiablog.org/2014/04/12/todos-negros-um-historico-flagrante-de-racismo/> e as fotografias de meninos no meio dos entulhos do Canal do Arruda, em Recife, em 2013, disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/11/02/no-recife-infancia-perdida-na-lama-e-no-lixo-103887.php>





PREVENÇÃO DAS VIOLÊNCIAS

A violência é um fenômeno de difícil conceituação, “podendo ser definida de distintas maneiras de acordo com o contexto histórico e social em que acontece”²⁵. De uma forma geral, se refere a comportamentos que provocam ou podem provocar danos físicos ou psicológicos a si mesmo ou a outras pessoas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera violência como:

O uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. [OMS, 2002]

De acordo com essa definição, a OMS caracteriza as violências de acordo com seus tipos (conforme quem comete as violências):

- **VIOLÊNCIA AUTOINFLIGIDA** – é a violência contra si mesmo, subdividida em comportamento suicida – pensamentos suicidas e tentativas de suicídio – e atos de automutilação.
- **VIOLÊNCIA INTERPESSOAL** – é aquela infligida por outra pessoa ou grupo. Pode ser dividida em duas subcategorias: violência intrafamiliar e por parceiros íntimos e violência comunitária.
- **VIOLÊNCIA COLETIVA** – dividida em violência social, política e econômica, este tipo de violência pode indicar a existência, por exemplo, de crimes de ódio cometidos por grupos organizados, guerras e conflitos armados, atos terroristas ou ainda a violência cometida pelo próprio Estado. Também pode incluir a violência institucional.

Ou de acordo com sua natureza, que são as formas que as violências assumem, sendo as principais:

- **VIOLÊNCIA FÍSICA** – uso da força física de forma intencional contra alguém.
- **VIOLÊNCIA EMOCIONAL OU PSICOLÓGICA** – qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões,

mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

- **VIOLÊNCIA SEXUAL** – é qualquer ato sexual não desejado ou tentativa de obtê-lo por meio de intimidação física ou psicológica. Também é considerada violência sexual qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, que induza a comercializar ou a utilizar sua sexualidade, que limite ou anule o exercício dos direitos sexuais e direitos reprodutivos.
- **NEGLIGÊNCIA OU ABANDONO** – caracteriza-se pela falta de atenção, ausência, descaso, omissão. No caso de crianças e adolescentes pode ser classificada em: emocional, física, médica e educacional.

Assim, a OMS associa a intenção de se cometer um ato violento às relações e práticas de poder, incluindo, portanto, ameaças, intimidações, negligências e todos os tipos de abuso – físico, moral, psicológico –, além da má distribuição de renda, de variadas formas de dominação, entre outras. E por que precisamos destes conceitos quando tratamos de violência? Porque ela contém um caráter cultural, isto é, pode ser legitimada ou, ao menos, naturalizada, conforme normas, práticas, relações de poder e até leis que estabelecemos social e culturalmente em um determinado tempo histórico. Isto quer dizer que alguns tipos de violência estão/podem estar “amparados” na nossa sociedade, sendo considerados “normais”, “naturais” e até “socialmente aceitáveis”. Assim, pensar sobre os conceitos que tentam delimitar formas, tipos e naturezas para as violências, considerando as relações de poder entre suas vítimas e seus autores e sua aceitação social, permite nosso reconhecimento de modos e características com que se apresentam, contribuindo para desnaturalizá-las e trabalhar mais efetivamente para sua prevenção.

25. CULTURASALUD/SENAME [2011]. *Preveniendo La violencia com jóvenes: talleres com enfoque de gênero y masculinidades. Manual para facilitadores y facilitadoras*, p. 31.

Outra discussão importante é a **VIOLÊNCIA BASEADA EM GÊNERO**, que pode ocorrer sob cada uma das naturezas que indicamos anteriormente – física, psicológica, sexual, entre outras – e que está relacionada e “amparada” em motivações ligadas a ideias social e culturalmente atribuídas a homens ou mulheres, isto é, baseada nos papéis de gênero. São exemplos de violência baseada em gênero: violências contra a mulher cometidas pelo parceiro íntimo, atos de homofobia, estupro corretivos contra mulheres lésbicas, entre outros.

Chamamos a atenção para o fato que a violência não se distribui da mesma maneira entre meninas e meninos, mulheres e homens. Tampouco entre diferentes regiões das cidades. Ao contrário, recai desigualmente sobre determinada classe social, raça/etnia, faixa etária e área da cidade. Para quem trabalha com crianças, adolescentes e jovens é preciso ter sempre em mente que alguns tipos de violência (como conflitos armados em comunidades pobres, homicídios e preconceito racial) têm vitimado cruelmente homens (muito) jovens, negros e pobres. Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, em 2012, 18% das mortes por homicídios foram de pessoas entre 10 a 19 anos, o que totalizou mais de 46 mil assassinatos²⁶.

Por outro lado, meninas e mulheres podem ter limitado seu espaço de circulação nas cidades e comunidades em função da “insegurança” (uma restrição que esconde a existência de outras violências), mas isso não as poupa das inúmeras violências que têm o espaço privado (casa ou trabalho) como seu local privilegiado: as dos relacionamentos íntimos abusivos, a violência física, os abusos sexuais, os assédios no mercado de trabalho, os salários desiguais etc.

Também queremos apontar que não é incomum que algumas violências sejam “invisíveis” para os grupos que não as sofrem. Já, para suas vítimas, elas podem atravessar de maneiras singulares suas vidas trazendo consequências das mais diversas ordens. Citamos o exemplo dos castigos físicos e humilhantes cometidos contra crianças e adolescentes a fim de “educá-las”. Considerados como “necessários” e “corretos” para evitar “males maiores”, os castigos físicos contra crianças são desconsiderados em sua capacidade de trazer consequências negativas e são naturalizados como formas legítimas de pais/mães/responsáveis “controlarem” as crianças²⁷. Também são minimizados os impactos da violência psicológica e de outras formas de violência que não deixam marcas no corpo.

O projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida* conjugou diferentes estratégias a fim de prevenir violências *contra* e *entre* crianças e adolescentes, seu principal objetivo. Com pais/mães/responsáveis, foram realizadas oficinas para a discussão de uma educação positiva, sem recorrer a castigos físicos e humilhantes. No nível comunitário, a campanha *Brincar+: criando laços para uma educação com respeito* também trabalhou essa temática, buscando utilizar a brincadeira como um caminho para prevenir a violência contra crianças e adolescentes. Além disso, a campanha promoveu atividades e reflexões sobre uma educação igualitária entre meninas e meninos. Com os próprios adolescentes, as atividades educativas aqui apresentadas permitiram o debate sobre os temas.

As atividades aqui apresentadas funcionam como geradoras de situações que apoiam a análise de normas sociais referentes a práticas violentas e, principalmente, propõem alternativas a determinados comportamentos. Só então, os conceitos são trabalhados, conforme suscitados pelas atividades e trazidos pela própria turma ou pela/o facilitadora/facilitador.

Uma opção feita pelo projeto para tratar a questão da violência foi a busca de construção do afeto: seja pela palavra (aprendendo a tecer e a receber elogios), pelos gestos ou pelo olhar cuidadoso com a localidade onde vivem. Como na seção *Coletividade*, a proposta é exercitar o afeto consigo, com as/os colegas, com a comunidade. Para ampliar a abrangência das discussões, as atividades desta seção também propõem a reflexão sobre as relações de poder entre diferentes grupos que contribuem para a manifestação das violências e sobre as violências exercidas contra as comunidades. As atividades podem ser complementadas com as da seção *Gênero*, que discutem as formas e a prevenção da violência contra as mulheres.

26. FUNDAÇÃO ABRINQ. *Cenário da Infância e Adolescência no Brasil – 2015*, p.16.

27. Os direitos de crianças e adolescentes viverem uma vida sem violência, o reforço de uma educação que coloque limites e responsabilidades sem o recurso da violência são temas da mobilização da Rede Não Bata, Eduque – um movimento social pelo fim dos castigos físicos e humilhantes e pelo estímulo a uma relação familiar democrática e respeitosa. Para estimular esse debate, o Promundo produziu os livros infantis “Vento no rosto” e “Chutando pedrinhas” sobre as formas e benefícios de uma educação física. Os livros estão disponíveis no site do Promundo em www.promundo.org.br.

GARANTINDO OS DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ao realizar atividades que abordem a temática da violência, é importante estar preparada/o para oferecer apoio e encaminhar para os serviços apropriados participantes que revelarem ter sofrido algum tipo de violência. No caso de crianças e adolescentes, tal cuidado deve ser redobrado. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina que suspeitas ou casos confirmados de violência contra crianças [0 a 12 anos] e adolescentes [12 a 18 anos] sejam obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da localidade ou, na falta deste, a outras autoridades competentes, como delegacias especializadas ou comuns e Ministério Público.

Outra forma de proteção de crianças e adolescentes é a realização de denúncias via *Disque 100* – um canal que recebe as denúncias de violações de direitos humanos, como abuso ou exploração sexual, negligência, violência física ou psicológica, entre outras. A ligação para o Disque 100 é anônima e gratuita e o serviço funciona 24 horas por dia durante todos os dias da semana.



ATIVIDADE 1

Elogio secreto

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Estímulos afetivos.
OBJETIVOS:	Promover a empatia e falar sobre reforço positivo com a turma.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Folha A4, fita adesiva e canetinhas, música.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É possível que dentro da turma haja desentendimentos prévios entre alunas/os e que durante a atividade isso fique evidente. O/a facilitador/a precisa estar atenta/o às reações que surgirem, pois essa atividade serve como um termômetro das relações dentro do grupo. Muitas/os alunas/os têm dificuldade de fazer elogios, principalmente por não terem o costume de ouvir elogios e reforços positivos, por isso é importante elogiá-las/os também.
PROCEDIMENTO:	Peça para que cada participante pegue uma folha em branco e, com a ajuda de um/a colega, cole essa folha nas costas, utilizando fita adesiva. Após isso, estimule que as/os participantes caminhem pelo espaço ao som da música. Diga que sempre que você der uma pausa na música, elas/es irão parar e escrever um elogio no papel colado nas costas da/o colega que estiver mais próximo. Faça várias vezes esse processo a fim de que todas/os escrevam elogios nos papéis colados nas costas das/os colegas. É importante ressaltar que todas/os as/os participantes precisam ter elogios escritos no papel preso às costas, para isso ressalte que todas/os escrevam nas costas do maior número possível de colegas. Após esse processo, sente em círculo e peça para que cada um retire o papel das costas, leia para si mesmo os elogios e fale como está se sentindo com os elogios recebidos. Perguntas para discussão: – Como nos sentimos ao receber os elogios? Algum elogio te surpreendeu? Por quê? – Foi difícil escrever os elogios para as/os colegas? Por que acha que isso acontece? – O que você aprendeu com esta atividade?
REFLEXÃO:	Estimular que o grupo exercite reforços positivos para as/os colegas contribui para uma convivência mais harmônica e respeitosa, além de incentivar o aumento da autoestima e a reflexão sobre o quanto cada integrante é fundamental. O elogio muitas vezes não é estimulado dentro dos espaços coletivos, nos quais o estímulo à competitividade fica sempre mais aparente. É importante ressaltar valores positivos e incentivos através de elogios.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Alguns filmes com histórias sobre como o estímulo afetivo e os elogios podem fazer diferença contribuem para apoiar a preparação da atividade pelo/a facilitador/a, como “Sociedade dos poetas mortos” (1989, classificação indicativa: 16 anos) e “O homem que mudou o jogo” (2012, classificação indicativa: 10 anos).

ATIVIDADE 2

Pique-abraço

CONTEÚDO:	Educação Física – aquecimento.
SUBTEMA:	Estímulos afetivos.
OBJETIVOS:	Estimular a afetividade entre as/os alunas/os e promover a integração e o respeito entre elas/eles.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 6 anos.
DURAÇÃO:	15 minutos.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Algumas turmas podem ser resistentes ao abraço, então o/a facilitador/a pode iniciar a atividade substituindo-o pelo “aperto de mão” até que as/os alunas/os se sintam confortáveis para abraçar. Com o andamento das atividades e com mais união no grupo, podemos fazer até o “beijo no rosto”.
PROCEDIMENTO:	Escolha uma criança para ser o pegador do pique. A turma se dispersa e ela corre atrás das/os colegas tentando tocá-las/os. Se encostar a mão em alguém, a criança que foi “pega” permanece parada. Para ser “descolada”, outra criança deverá abraçá-la. O pegador continua pegando outras crianças e o/a facilitador/a pode mudar o pegador de acordo com a necessidade ou com o tempo. Perguntas para discussão: – Como se sentiu ao abraçar e ser abraçada/o? Teve algum incômodo? Gostou? – O que nos impede de abraçar nossas/os colegas de turma mais vezes? – Quando foi a última vez que abraçou alguém de sua família? – Quando foi a última vez que abraçou seus/suas amigos/as? – Os meninos e as meninas demonstraram afeto/abraçaram os/as colegas da mesma forma? Por que sim ou por que não? O que aconteceu? Por que foi assim?

ATIVIDADE 2

Pique-abraço [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Após o tempo estipulado, reúna as crianças e converse sobre afeto. Nesta atividade, o mais importante é saber o que o projeto, a turma e a organização do ambiente provocam nas/os alunas/os: abraço ou repulsa. O/a facilitador/a poderá também identificar situações de violência ou de negligência familiar ou outras violências e bullying que estejam ocorrendo com alguma criança. Se perceber algum sinal de violência, é importante que o/a facilitador/a entre em contato com a equipe do projeto ou autoridades responsáveis. Mesmo a suspeita de violência contra crianças e adolescentes precisa ser denunciada, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Discutir formas de autoproteção, meios de fazer denúncia contra maus-tratos e violências também podem ser desdobramentos desta atividade.

Você também pode suscitar discussões sobre como as normas de gênero (ver seção Gênero) influenciam a expressão do afeto para meninas e meninos. Muitas vezes, estes são educados para evitarem determinadas expressões (chorar, ter contato físico com outros meninos) ou se expressarem segundo uma determinada ideia de virilidade, demonstrando que são “pegadores”, “conquistadores” e/ou estão se “aproveitando” das meninas.

MATERIAIS RECOMENDADOS: A abordagem integral (considerando a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu) e sua importância para o desenvolvimento intelectual e humano da criança foram o fundamento da pedagogia do médico, psicólogo e filósofo Henri Wallon. Para saber mais sobre esta abordagem, você pode consultar: FERREIRA, AURINO LIMA AND NADJA MARIA ACIOLY-RÉGNIER. “Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação” em Educar em Revista 36 e também FERRARI, M. “Henri Wallon, o educador integral”, in Nova Escola, disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/educador-integral-423298.shtml>.

ATIVIDADE 3

Meu olhar afetivo

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Território.
OBJETIVO:	Trabalhar análise descritiva e cultura de paz.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 9 anos.
DURAÇÃO:	50 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Lápis, borracha, papel, cola e mapa ampliado do território (comunidade, bairro) onde a maioria da turma mora. O/a facilitador/a pode buscar este mapa no <i>Google Maps</i> (https://www.google.com.br/maps) e, no Rio de Janeiro, na Mapoteca do Instituto Pereira Passos.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Caso não seja possível ter um mapa ampliado, o/a facilitador/a pode projetá-lo utilizando um <i>Datashow</i> (projetor).
PROCEDIMENTO:	Pergunte a turma onde moram e o que veem no caminho de casa até o local onde o projeto é realizado. Em seguida, peça que listem (mentalmente ou em um papel) cinco lugares ou coisas que mais chamam a atenção de seu olhar durante todo o trajeto. Se a turma morar na mesma localidade, o/a facilitador/a pode propor uma adivinhação sobre o local de partida de algumas crianças. No final da atividade, chame cada criança e peça que sinalize no mapa o lugar mais marcante para ela e explique o motivo da escolha. A partir daí, a turma pode discutir sobre o território ou mesmo criar um roteiro de visitação para a localidade. Perguntas para discussão: – O que observamos no território? – O que vimos de legal, interessante? E o que não é legal? – Por que o lugar que apontou é o mais marcante para você? – Existem semelhanças nos trajetos de vocês para chegar até aqui? Quais as diferenças? – O que mudariam nesses lugares? E por quê? – Como é possível fazer essas mudanças?
REFLEXÃO:	Contribuir para a desnaturalização de preconceitos, estigmas e aversão ao território do outro a partir do sentimento de identificação e curiosidade. A partir das respostas do grupo, é possível ampliar as reflexões pensando nas situações de desigualdades e violências nas diferentes regiões da cidade e também discutindo formas de mobilização comunitária. Como desdobramento da atividade, pode-se convidar uma pessoa reconhecida na localidade pela luta por direitos coletivos para conversar com as crianças. Você pode ainda fazer um link entre esta atividade e a “Sem espaço”, nesta seção.
MATERIAIS RECOMENDADOS:	Para apoiar a discussão, assista o filme “5x Favela – Agora por nós mesmos (2010)”, dirigido por jovens cineastas moradores de favelas. (Classificação indicativa: 14 anos).

ATIVIDADE 4

Sem espaço

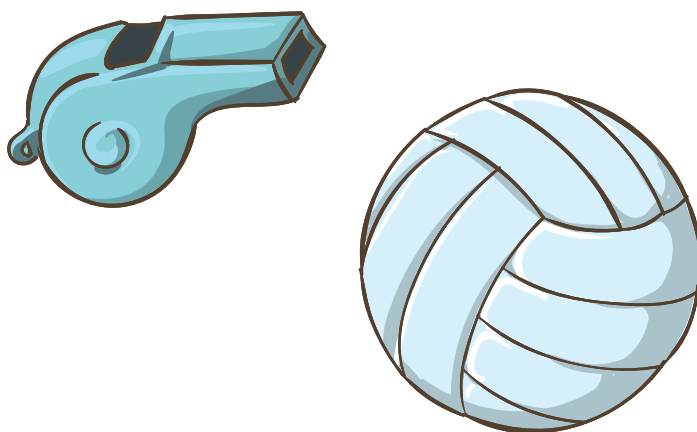
CONTEÚDO:	Educação Física – Desportos coletivos, principalmente esportes de invasão.
SUBTEMA:	Território.
OBJETIVO:	Identificar uma situação de desigualdade e causar mobilização coletiva para solução do problema.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 8 anos.
DURAÇÃO:	Mínimo de 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Quadra, bolas, cones, coletes e apito.
PROCEDIMENTO:	Dividir a quadra em duas áreas de jogo (espaço 1 e espaço 2), onde ocorrerão jogos independentes. Cada espaço receberá 2 times para realizar o jogo escolhido. O/a professor/a deve deixar claro que as/os alunas/os não devem ultrapassar seus espaços e inicia-se o jogo. Durante o jogo, o/a professor/a diminui o espaço 2 gradativamente até que ocorra uma mobilização coletiva de algum grupo. Caso não haja mobilização devido à redução de espaço, pode-se aproveitar a oportunidade para fazer uma intervenção sobre o conformismo . Neste momento, reúna todas/os as/os participantes para discutir sobre as questões de desigualdade que surgiram, além de ampliar a discussão para incluir situações de desigualdade no dia a dia. Por fim, o/a professor/a orientará que a turma construa coletivamente a solução para os problemas vivenciados e depois retornar ao jogo. Perguntas para discussão: – Para vocês qual é o significado desta atividade? Ela está relacionada ao cotidiano de vocês? De que forma? – Meninas e meninos podem ocupar o mesmo espaço na comunidade e/ou em outras partes da cidade? Há espaços que as meninas não vão? E espaços que os meninos não vão? Por quê? – Conhece algum grupo ou associação que lutou ou luta pelo direito à moradia?

ATIVIDADE 4

Sem espaço [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Essa atividade permite uma série de desdobramentos, mas a reflexão principal gira em torno da questão do território: sua ocupação, perda, sentimento de pertencimento, restrição de movimento, entre outros temas. Essas situações são pertinentes ao cotidiano (ou à história) de muitas comunidades e são temas para serem explorados no decorrer ou após este jogo. A partir dele, também é possível discutir temas atuais como: remoções de comunidades, a situação dos quilombos ou aldeias indígenas no país, ocupações militares ou policiais em comunidades, além de movimentos sociais que têm o tema do espaço (pela moradia o, contra remoções) ou da terra como sua bandeira de luta (Movimento Sem Teto ou Sem Terra). Se houver tempo ou interesse, também se pode abordar as histórias de formação e remoção de muitas comunidades, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. A atividade permite ainda pensar no “estar” na cidade segundo o gênero das pessoas ou a orientação sexual. Muitas vezes, embora não sejam proibidas, mulheres são desaconselhadas a frequentar determinados espaços, seja porque “não pega bem”, seja porque podem ser vítimas de assédios e outras violências. Mesmo que estejam na companhia de amigas, se não houver um homem por perto, algumas pessoas consideram que as mulheres estão “sozinhas”, se expondo à violência e por isso “responsáveis” pelo que pode ocorrer. Sobre o tema do pertencimento, você pode ainda fazer um *Link* entre esta atividade e a “Meu olhar afetivo”, nesta seção.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Documentários que abordam estas temáticas são: Domínio Público (documentário de 2014 que trata das transformações ocorridas no Rio de Janeiro em função dos megaventos), Remoção (de 2013, conta o processo de remoção de favelas da zona sul do Rio de Janeiro nos anos 1960 e 1970) e Hiato (de 2008 retrata participantes do Movimento Sem Teto em um shopping para discutir a questão da segregação espacial).



ATIVIDADE 5

Queimado-xadrez

CONTEÚDO:	Educação Física.
SUBTEMA:	Território.
OBJETIVOS:	Desenvolver a autonomia do grupo, estimular o raciocínio estratégico, provocar a reflexão sobre violência e território e trabalhar a cultura popular.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir de 12 anos.
DURAÇÃO:	40 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Bola, cones, folha e caneta.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É importante que seja estimulada a auto-organização dos grupos e que o/a facilitador/a se atente para desempenhar um papel de mediação e não de interferência na decisão dos grupos. Após a realização do queimado-xadrez, as/os alunas/os serão levadas/os à reflexão acerca do território que ocupam ou outro tema dado pelo/a facilitador/a.
PROCEDIMENTO:	O queimado-xadrez é uma variação do jogo de queimado que inclui personagens com papéis fundamentais. São cinco personagens com papéis distintos: ● Personagem 1 – General-Cristal: Se esta personagem for queimada, o jogo termina; logo, precisa ser protegida o tempo todo pelo grupo; ● Personagem 2 – Escudeira: Esta personagem desempenha um papel de defesa e só poderá arremessar a bola quando só sobram ela e a/o General-Cristal no campo. É a única personagem que não vai para a zona de conflito (zona de queimados) mesmo se bola bater nela e ir ao solo; ● Personagem 3 – Capitã-Salvadora: Esta personagem desempenha o papel estratégico de salvar todos os personagens que estiverem na zona de conflito a cada vez que segurar um arremesso da equipe adversária. Porém, se no decorrer do jogo esta personagem for queimada, ela vai para a zona de conflito e só sairá quando queimar uma pessoa do outro time; ● Personagem 4 – Bomba: Essa personagem desempenha um papel de ataque. Se em um determinado momento do jogo ela segurar o arremesso de um integrante da equipe adversária, a pessoa que realizou o arremesso irá para a zona de conflito. Toda vez que isso acontecer, a “bomba” terá que emitir um som de explosão (BOOM!) para sinalizar a explosão. Se no decorrer do jogo esta personagem for queimada, vai para a zona de conflito e só sairá quando queimar algum adversário ou quando a Capitã-Salvadora segurar a bola do arremesso de algum adversário; ● Personagem 5 – Soldados: Constituem a tropa. Ao contrário das personagens citadas acima, estes serão preenchidos por mais de um/a integrante. Têm o papel de atacar e defender dando volume ao jogo e podem desempenhar papéis estratégicos no decorrer dele. Vão para a zona de conflito no decorrer do jogo quando forem “queimadas” e sairão quando queimarem algum adversário ou quando a Capitã-Salvadora segurar a bola de algum arremesso da equipe adversária.

ATIVIDADE 5

Queimado-xadrez [CONTINUAÇÃO]**PROCEDIMENTO**
[CONTINUAÇÃO]:**O JOGO**

O campo será dividido em duas áreas de jogo e, após os limites de fundo dessas, ficarão as zonas de conflitos, tal como no queimado original. O grupo será dividido em duas equipes cada uma com os cinco personagens, deixando claro os papéis de cada personagem, sem identificá-los (os personagens) para a turma. Caberá a cada equipe descobrir, estrategicamente, que aluna/o está desempenhando cada função na outra equipe para vencer o jogo. As/os alunas/os deverão arremessar a bola para acertar os integrantes da equipe adversária ou passarem a bola para a/o companheira/o que esteja na zona de conflito. Quando forem queimados (isso acontece quando a bola encostar em qualquer parte do corpo de um/a jogador/a e ir ao solo logo em seguida), as/os integrantes se encaminharão para a zona de conflito (zona de queimados) portando a bola.

Instruções:

- Apenas o/a professor/a saberá quem está desempenhando cada papel do jogo, para isso é importante que tome nota dos nomes e personagens. Como apontado anteriormente, o/a professor/a deverá esclarecer a função de cada personagem, mas não dizer quem é quem. Os grupos deverão pensar estratégias para descobrir quem são as personagens da outra equipe durante o jogo.
- O jogo acaba quando a/o General-Cristal for queimado.
- O queimado-xadrez deverá ser realizado em tempo e repetições consideráveis para que as/os alunas/os se apropriem das personagens e suas funções. Quando o/a facilitador/a avaliar que as equipes se apropriaram disso, orientará o desdobramento reflexivo.

Perguntas para discussão:

- O que é violência para seu você? E para as pessoas mais próximas a você?
- Em sua opinião, seu território sofre com a violência? Por quê?
- Em sua cidade, onde você acha que estão as zonas de conflitos e por quê?
- Quem ou o que desempenha o papel do Escudeiro em relação ao seu território e violência?
- Quem ou o que desempenha o papel da Capitã-Salvadora que, com uma atitude de defesa, te ajuda a superar a zona de conflito?
- Quem ou o que desempenha o papel de “bomba” causando danos ao território e transformando-o em zona de conflito?
- Quem ou que desempenha o papel de General-Cristal em relação ao território e por quê?

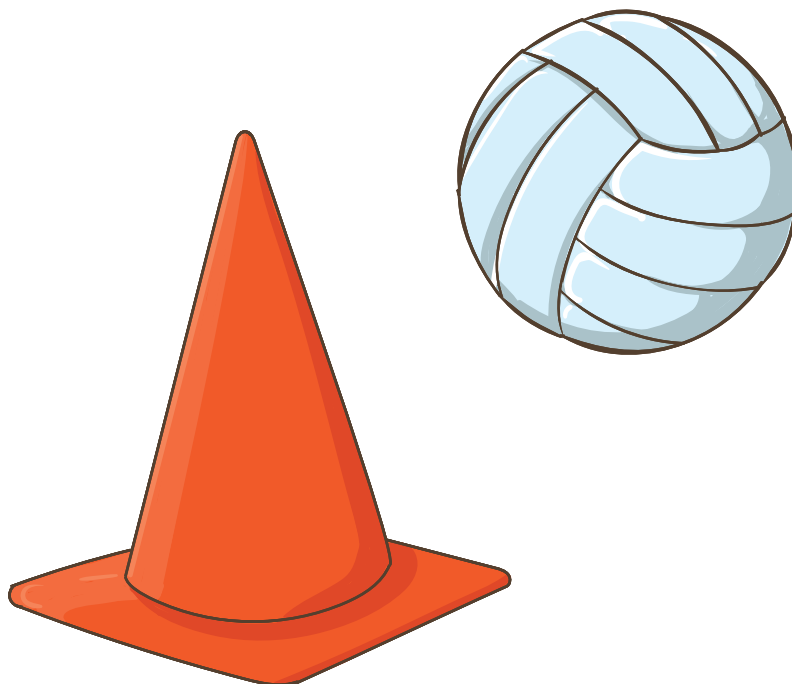
ATIVIDADE 5

Queimado-xadrez [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: A discussão pode ser iniciada a partir das perguntas acima que tratam o tema “violência”, além de outras que o/a facilitador/a julgar pertinentes. O intuito é causar uma reflexão coletiva sobre a superação da violência no território. Durante a discussão, poderão ser citadas ações de policiais ou de facções criminosas, entre outras violências, e o/a facilitador/a deverá ficar atenta/o para atitudes que exponham as/os alunas/os a situações que acarretam vulnerabilidades, tais como a rivalidade entre facções criminosas, violência doméstica, exploração sexual, entre outras. O/a facilitador/a pedirá para as/os alunas/os ressignificarem o jogo mantendo as funções dos personagens e das áreas do jogo, porém associando-as a elementos da vida cotidiana.

Como desdobramento, e respeitando o nível de alfabetização dos/as alunos/as, pode-se pedir uma redação individual tendo como tema alguma das perguntas de discussão.

MATERIAIS RECOMENDADOS: No endereço eletrônico do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Brasil <<http://www.pnud.org.br/>>, o/a facilitador/a poderá buscar informações sobre os índices de desenvolvimento humano no Brasil.



ATIVIDADE 6

Gráficos sobre violência contra a mulher

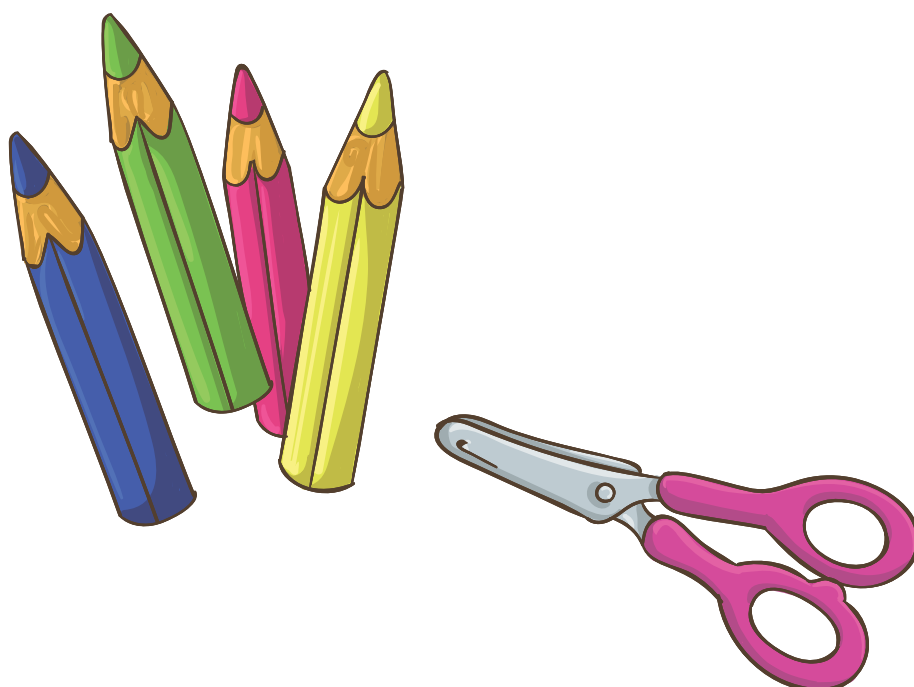
CONTEÚDO:	Matemática.
SUBTEMA:	Prevenção da violência contra a mulher.
OBJETIVO:	Trabalhar interpretação e criação de gráficos a partir do tema da violência doméstica.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 11 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Papelão, cartolina, canetinha, lápis, borracha, tesoura, cola e gráficos atualizados sobre violência doméstica (vídeo, impresso ou jornal).
NOTA DE PLANEJAMENTO:	O/a educador/a deve estar consciente dos recursos de proteção à mulher. Desta forma, pode abordar a Lei Maria da Penha, as Delegacias de Atendimento à Mulher (DEAM) e divulgar o Disque 180, que recebe denúncias de violência contra a mulher e faz o acolhimento e a orientação da mulher em situação de violência.
PROCEDIMENTO:	Receba a turma e faça uma sensibilização sobre o tema, usando fotografias, vídeos, campanhas publicitárias, jornais, entre outros. Em seguida, apresente um gráfico sobre a violência doméstica e faça sua leitura juntamente com a turma. A partir daí, apresente os diferentes tipos de gráfico (pizza, barra, colunas...). Divida a turma em grupos, distribua o material selecionado e peça que cada grupo coloque o resultado de uma pesquisa sobre o tema em um tipo de gráfico diferente. No final, coloque os gráficos em exposição na sala. Perguntas para discussão: – De acordo com cada pesquisa/matéria/vídeo, quais os tipos de violência mais cometidos contra a mulher? – Qual violência foi mais denunciada nesses materiais? Acha que é esse tipo de violência que mais acontece? – Por que, às vezes, a culpa sobre a violência recai sobre a vítima quando se trata de uma mulher? – Conhecem mecanismos e órgãos de proteção das mulheres contra a violência? – Quais são os passos que alguém pode dar para apoiar uma mulher que sofre/sofreu violência?

ATIVIDADE 6

Gráficos sobre violência contra a mulher [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Aproveite o momento de apresentação dos materiais para conversar sobre o tema da violência contra a mulher a partir das colocações feitas pelas/os participantes. A partir do entendimento do tema, a turma pode fazer uma campanha e utilizar os gráficos elaborados como mais um veículo de abordagem da questão.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Para subsidiar as discussões e encontrar dados sobre violência contra a mulher, você pode acessar o site do IBGE (www.ibge.gov.br), Instituto Avon (www.institutoavon.org.br), Agência Patrícia Galvão (agenciapatriciagalvao.org.br) e Secretaria de Políticas para as Mulheres - SPM (www.spm.gov.br). Outra boa fonte de informação é o site da campanha Compromisso e Atitude (www.compromissoeatitude.org.br), que trata especificamente da Lei Maria da Penha, trazendo dados estatísticos, notícias, políticas públicas e comentários sobre a lei, sua aplicação e resultados.



ATIVIDADE 7

Charges sobre violência contra a mulher

CONTEÚDO:	Português.
SUBTEMA:	Prevenção da violência contra a mulher.
OBJETIVO:	Trabalhar o entendimento do gênero textual “charge” a partir da temática da violência doméstica contra a mulher e incentivar a compreensão da linguagem verbal e não verbal.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	A partir dos 12 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Charges sobre violência contra a mulher, papel, lápis, borracha e canetinha.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Para esta atividade é importante que a turma já tenha um entendimento mínimo da temática da violência contra a mulher para evitar a repetição de estereótipos que podem surgir a partir das charges. Se ainda assim, os desenhos revelarem algum tipo de preconceito este também deve ser um tema de debate até o alcance do formato final da charge.
PROCEDIMENTO:	Fale sobre o gênero textual “charge” e aborde sua importância nos veículos atuais. Fale sobre a ironia e o humor como elementos presentes na composição deste tipo de texto e, em seguida, apresente diversas charges explicando cada uma. Como produto da atividade, peça que cada criança componha uma charge sobre a temática da violência doméstica. Se sentir que a turma pode ter dificuldades nesta composição, peça que realizem a atividade em dupla. Faça uma discussão sobre alguns aspectos envolvidos na violência contra a mulher para facilitar a escolha de situações a serem retratadas. Uma dica: as mensagens podem ser de solidariedade, crítica a algumas normas de gênero que sustentam a violência, entre outras. Perguntas para discussão: – Como foi abordar o tema da violência contra a mulher por meio de charges? Que situações escolheram para representar e por quê? – Quais os tipos de violência mais praticados contra as mulheres? – Quais os tipos de violência que podem ocorrer em um relacionamento íntimo? – Quais são as consequências da violência para os indivíduos? E para a comunidade?

ATIVIDADE 7

Charges sobre violência contra a mulher [CONTINUAÇÃO]

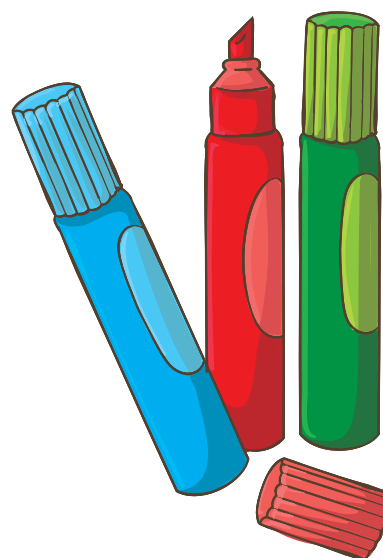
REFLEXÃO: Após a amostra das charges, converse com a turma sobre as diferentes situações que aparecem, refletindo sobre a violência contra a mulher. Nessa discussão também é possível abordar como o humor pode carregar mensagens estereotipadas e reproduzir clichês. Assim, também é passível de crítica e debate. Reflita com o grupo sobre como e por que a maioria das piadas debocha de alguns tipos bem específicos: mulheres consideradas “feias” ou “burras”; pessoas “gordas”; negros (tanto características físicas quanto outras atribuídas a “comportamentos”); gays com comportamentos considerados femininos; ou pessoas pobres. Reflexão semelhante vale para alguns ditos populares.

Outro ponto importante é atentar para a representação dos autores de violência. Também nesse caso não se deve reproduzir o senso comum, nem criminalizar essas pessoas. Por fim, pergunte à turma sobre formas de apoio às vítimas e apresente os mecanismos de proteção a mulheres que sofreram violência.

A elaboração de charges pode ser direcionada para diversos outros temas, a fim de buscar uma sensibilização sobre eles.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Há alguns anos, o Ministério da Saúde organizou um festival de humor em DST e Aids, no qual vários artistas expunham cartuns sobre o viver com Aids, prevenção, prazer e sexualidade. Os cartuns estão disponíveis no site do evento (que ainda está online) e dão uma boa mostra de como é possível utilizar o humor, o riso, para tratar de temas difíceis e delicados. Veja I Festival Internacional de Humor em DST e Aids, disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/aids/mostra/index.htm>

Também fora do formato charge, mas para servir de inspiração para as ilustrações, são os postais produzidos pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro sobre a promoção da saúde. São várias temáticas retratadas: paternidade, diversidade sexual, violência contra a mulher, raça/etnia, atividade física, entre outras. Os postais podem ser visualizados no link: http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/saude_coleciona.htm (é só clicar em “Veja todos os postais”).



ATIVIDADE 8

No meio do conflito

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Prevenção da violência contra a mulher.
OBJETIVO:	Discutir sobre relações, desigualdades entre homem e mulher e violências.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 8 anos.
DURAÇÃO:	1 hora e 30 minutos.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	Sala ampla, cópias da folha de apoio desta atividade.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	É importante que o/a facilitador/a esteja ciente de que as normas rígidas de gênero (veja seção Gênero) são responsáveis pelas desigualdades entre homens e mulheres e contribuem para o aumento da violência contra mulher por meio de assédios, abusos sexuais, violações de direitos. Pensar em equidade de gênero é pensar em relações respeitadas, construídas com base no diálogo e na empatia. O/a facilitador/a pode se sentir à vontade para adicionar situações que façam parte do contexto do grupo a ser trabalhado.
PROCEDIMENTO:	Divida as/os participantes em duplas. Pegue as cópias da folha de apoio que contém as situações de conflito e as afixe em um local que a turma possa visualizar, seja no chão, coladas na parede ou no flip-chart. Com as situações expostas, sorteie qual cena cada dupla irá interpretar. Peça para que as/os participantes interpretem as cenas, fazendo uma pequena esquete/dramatização sobre a situação. Em seguida, o/a facilitador/a sugerirá uma mudança de papel, invertendo as ações dos personagens. Observe que, em cada situação, sempre haverá um homem e uma mulher e, ao pedir que seja feita a inversão dos papéis, somente a ação mudará e nunca o gênero, isto é, representarão a cena mais uma vez, agora com a alteração dos papéis (ações). Após todas as apresentações, faça uma roda de conversa sobre as cenas apresentadas. Perguntas para discussão: – Como você se sentiu quando as ações foram invertidas? – Quando a situação se inverte, ela tem o mesmo efeito da anterior? – Foi fácil fazer essa representação? – Essas situações fazem parte do nosso dia a dia? – Homens e mulheres são tratados da mesma maneira? – Existe uma forma respeitosa de sair de um conflito? Qual?

ATIVIDADE 8

No meio do conflito [CONTINUAÇÃO]

REFLEXÃO: Com a possibilidade de trocar de papéis, as/os participantes têm a chance de se posicionar com atitudes diferentes diante das mesmas situações, indo de encontro à naturalização de diversas normas sociais que contribuem para relações desiguais de gênero. Ao fazer o debate, é importante ressaltar que essas questões existem e são culturais, ou seja, são construídas socialmente. Ao desnaturalizar e desconstruir essas normas, mostram-se possibilidades de modelos alternativos de negociação e flexibilização, pensando sempre na promoção do respeito e na equidade entre homens e mulheres.

MATERIAIS RECOMENDADOS: Para apoiar a discussão, é possível incluir filmes que falam sobre feminismo. Veja no endereço eletrônico da Universidade Livre Feminista:
<http://feminismo.org.br/filmes-feministas/>

FOLHA DE APOIO: SITUAÇÕES

1. Homem chega do trabalho e encontra sua mulher, que é dona de casa, sentada assistindo televisão. A pia está com louça suja e não tem comida pronta.
 2. O chefe chama a funcionária na sua sala. Ao entrar na sala, ele faz comentários sobre a sua roupa e aparência e a convida para sair.
 3. Namorado diz para a namorada grávida que não assumirá o filho e que ela precisa abortar.
 4. Marido diz à esposa que não usará preservativo. Mulher tem medo de engravidar novamente.
 5. Namorado pede à namorada uma prova de amor e insiste para que ela transe com ele. Ela não se sente segura para transar ainda.
 6. Mulher é contratada de uma empresa e percebe que recebe um salário menor do que os homens que exercem a mesma função que ela. Vai conversar com o chefe sobre isso.
 7. Mulher anda na rua e é assediada por um homem que passa e faz comentários a respeito do seu corpo e tenta tocá-la.
-

ATIVIDADE 9

Pessoas e coisas²⁸

CONTEÚDO:	Roda de conversa.
SUBTEMA:	Desigualdades e relações de poder.
OBJETIVO:	Facilitar o reconhecimento da existência de relações de poder e seu impacto sobre os indivíduos e seus relacionamentos.
FAIXA ETÁRIA RECOMENDADA:	Acima de 10 anos.
DURAÇÃO:	1 hora.
NOTA DE PLANEJAMENTO:	Alguns/algumas participantes podem se sentir pouco confortáveis em relação ao papel que devem desempenhar nesta atividade. É importante que o/a facilitador/a esteja atento/a a como elas/eles reagem ao assumirem o papel de “pessoas” ou “coisas” e esteja preparado/a para fazer as acomodações ou mudanças necessárias. Por exemplo, em vez de preparar as/os participantes para o desenvolvimento de seus papéis, deve propor que discutam em duplas como as “pessoas” deveriam tratar as “coisas” e quais sentimentos isto poderia gerar nas “pessoas” e nas “coisas”. Além disso, é importante estar preparado/a para fazer referências a serviços de aconselhamento ou outros serviços de apoio para quem que se sentir afetado/a com esta atividade ao relembrar episódios de violência.
PROCEDIMENTO:	Divida as/os participantes em três grupos. Cada grupo deve ter o mesmo número de participantes. NOTA: Se o número de participantes não corresponder a uma divisão exata, coloque participantes extras para o terceiro grupo que, como descrito abaixo, serão observadores/as. Informe que o nome da atividade é: “Pessoas e coisas”. Escolha, aleatoriamente, um grupo para ser “coisas,” outro para ser “pessoas” e o último para ser “observadores/as”. Diga as regras para cada grupo: ● Coisas: As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, têm que fazer aquilo que as pessoas ordenam. Se uma coisa quer se mover ou fazer algo, tem que pedir permissão à pessoa. ● Pessoas: As pessoas pensam, podem tomar decisões, sentem e, além disso, podem pegar as coisas que querem. ● Observadoras: Observam em silêncio. Peça para o grupo de “pessoas” pegar as “coisas” e fazer com elas o que quiser e dê ao grupo cinco minutos para que cumpram seus papéis de “pessoas” ou “coisas”. Em seguida, peça ao grupo que volte ao seu lugar e facilite a discussão. Se achar pertinente, pode inverter os papéis em uma segunda rodada: as “pessoas” serão as “coisas”; e as “coisas”, as “pessoas”. No debate, explore o que aconteceu quando os papéis se inverteram.

28. Atividade extraída de: *Manual M - Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde*/Promundo; Salud y Género; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008, p. 18.

ATIVIDADE 9

Pessoas e coisas [CONTINUAÇÃO]**PROCEDIMENTO**
[CONTINUAÇÃO]:**Perguntas para a discussão:**

- Para as “coisas”:
 - Como foi tratada por sua “pessoa”?
 - Como se sentiu sendo tratada como coisa?
 - Você se sentiu impotente? Por que sim ou por que não?
- Para as “pessoas”:
 - Como tratou sua “coisa”?
 - Como se sentiu tratando alguém como “coisa”?
 - Você se sentiu poderosa? Por que sim ou por que não?
- Para as/os observadoras/es:
 - Como se sentiu observando sem dizer nada?
 - Você gostaria de ter interferido? Se sim, o que você poderia ter feito?
 - Na vida cotidiana, nós somos “observadores” de situações em que algumas pessoas tratam outras como “coisas”? Nós interferimos? Por que sim? Por que não?
- Para o grupo como um todo:
 - Por que as “coisas” obedeceram às ordens das “pessoas”?
 - Houve pessoas do grupo de “coisas” ou “pessoas” que resistiram ao exercício?
 - Em nossa vida cotidiana, nós somos tratadas/os como “coisas”? Quem nos trata assim? Por quê?
 - Nós tratamos outras pessoas como “coisas”? Quem? Por quê?

MATERIAIS
RECOMENDADOS:

Para apoiar a discussão, é possível incluir filmes que falam sobre feminismo. Veja no endereço eletrônico da Universidade Livre Feminista:
<http://feminismo.org.br/filmes-feministas/>

ATIVIDADE 9

Pessoas e coisas [CONTINUAÇÃO]**DIFERENTES TIPOS DE PODER**

Existem diferentes formas de poder e maneiras de usá-lo. Aqui seguem alguns exemplos:

- **PODER SOBRE:** implica ter o controle sobre alguém ou uma situação de maneira negativa, geralmente associado ao uso da repressão, força, corrupção, discriminação e abuso. Quando usamos este tipo de poder, não reconhecemos que todas as pessoas têm direitos, independentemente de gênero, classe, etnia e orientação sexual.
- **PODER COM:** baseia-se na força coletiva – ter poder com outras pessoas ou grupos, encontrar um ponto comum entre diferentes interesses e construir uma meta comum que beneficie a todos. Este tipo de poder multiplica os talentos e conhecimentos individuais e está baseado no apoio, na solidariedade e na colaboração.
- **PODER PARA:** refere-se à habilidade para conformar e influenciar a própria vida. Significa ter recursos, ideias, conhecimentos, ferramentas e habilidades para convencer a si mesmo e aos outros para fazer algo. Muitas pessoas com este tipo de poder formam o “poder com”.
- **PODER INTERIOR:** está relacionado ao sentimento de autoestima e de autoconhecimento de uma pessoa. Ou seja, implica ter um sentimento de autoconfiança e de valorização de si mesmo. Inclui-se nesta forma de poder a habilidade de imaginar uma vida melhor para si, ter esperança ou a sensação de mudar o mundo e ainda a consciência de que temos direitos como todos os seres humanos.

Quando usamos o “poder interior” e o “poder com” estamos nos reconhecendo como pessoas, como cidadãos e cidadãos de direitos e também estamos reconhecendo os direitos dos outros.



BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, A (org.). *Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (A cor da cultura; v.4).

BRASIL/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CASTEJÓN, F. J. O. *Fundamentos de Iniciación Deportiva y Actividades Físicas Organizadas*. Madrid: Dykinson, 1995.

DEVIS, J. D.; PEIRÓ, C. V. *Nuevas perspectivas curriculares en educación física: la salud y los juegos modificados*. Barcelona: Inde, 1992.

MAKARENKO, Anton. “Os objetivos da educação.” LUEDEMANN, C. da S. *Antonio Makarenko: vida e obra—a pedagogia na revolução*. São Paulo: Expressão Popular (2002).

PROMUNDO. *Trabalhando com mulheres e homens jovens: manual de atividades educativas para sensibilização sobre gênero, sexualidade e saúde*. Rio de Janeiro: Promundo, 2011.

PROMUNDO; SALUD Y GÉNERO; ECOS; INSTITUTO PAPAI. *Manual H - Trabalhando com homens jovens*. Rio de Janeiro: Promundo, 2009.

PROMUNDO; SALUD Y GÉNERO; ECOS; INSTITUTO PAPAI; WORLD EDUCATION. *Manual M - Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.

REALIZAÇÃO:



APOIO:

